

2

A unidade do corpus profético do Livro dos Doze

2.1

Breve história das antigas evidências sobre a unidade dos Doze

Habitualmente os comentários bíblicos tratam os Doze Profetas Menores separadamente. No entanto, hoje existem vários estudos a respeito da problemática da unidade dos Doze¹¹. A atenção destes estudos assinala mais do que uma organização casual de livros independentes entre si. Destarte, os exegetas estudam a história e a formação final dos Doze e tentam mostrar em que consiste esta unidade literária, que acreditam ser possível situar e interpretar de maneira a relacionar os livros uns com os outros, discernindo o lugar e a função de seus textos na organização da coletânea, o que levaria a compreender melhor a sua significação.

Neste estudo enfocaremos três centros de interesse da crítica moderna: a ordem dos Livros e os índices formais que autorizam a afirmar a unidade dos Doze, a formação do Corpus Profético e, como consequência, a localização do livro de Miquéias no contexto do Corpus Profético - na Bíblia Hebraica, na versão bíblica dos LXX e no fragmento 4QXII^a descoberto em Qumran (por volta de 150 a.C.)¹².

¹¹ Estudos sobre este tema aparecem esporadicamente nas três primeiras décadas do século XX; no entanto, focalizam-no de modo diverso do que se faz atualmente. Cf. BUDDE, K., “Eine folgeschwere Redaktion des Zwölfprophetenbuch” ZAW 39 (1921) 218-229; WOLFE, R. E., “The Ending of the Book of the Twelve” ZAW 53 (1935) 90-129; JEPSEN, Alfred, “Kleine Beitrage zum Zwölfprophetenbuch” ZAW 56 (1938) 85-100; Alfred, “Kleine Beitrage zum Zwölfprophetenbuch II” ZAW 57 (1939) 242-255. Hoje, pode-se citar uma bibliografia mais abundante, e uma coletânea de artigos recentes nos permite fazer a leitura dos Doze como um conjunto unificado, cf. NOGALSKI, D., – SWEENEY, M. A., *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, SBL 15, Atlanta, 2000.

¹² Os comentários aqui tratados de modo particular, todos, ignoram totalmente uma análise global dos Doze. Observe-se por exemplo: Cf. NOGALSKI, J., “Intertextuality and Twelve in Forming Prophetic Literature”, in NOGALSKI, D. & SWEENEY, M. A., *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, pp.102-124.

Após a apresentação das antigas atestações sobre a evidência da unidade do conjunto dos Doze, será exposto o *status quaestionis* da história da pesquisa até a discussão atual.

2.2

A ordem dos livros

Os antigos manuscritos bíblicos dos Profetas Menores e as antigas referências extra bíblicas são unânimes em atestar a transmissão destes escritos dos Doze Profetas como um único volume. Embora não haja um único exemplar de testemunho original, temos os manuscritos provenientes do mundo antigo, o que nos permite distinguir ao menos três listas na disposição destes escritos proféticos: as do TM, as da LXX e as dos fragmentos de Qumran¹³. Deve-se, contudo, reafirmar que apesar das variações encontradas entre estes grupos de Manuscritos antigos dos Doze, todas as versões em seus textos e seqüências próprias afirmam sem exceção a unidade deste conjunto¹⁴.

A tradição textual Massorética (TM) não é apenas consistente em sua forma de tratar os Profetas Menores como um único livro, mas é também uniforme na seqüência dos livros, reunidos na seguinte ordem: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias¹⁵. Estes profetas não possuem sempre a mesma posição e a mesma classificação nas traduções bíblicas. Enquanto os Doze, (Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, MI) na Bíblia Hebraica são ordenados após Isaías, Jeremias e Ezequiel, na Septuaginta (Os, Am, Mq, Jl Ab, Jn, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, MI) eles se encontram antes do livro de Isaías e, assim, iniciam os livros Proféticos. Na Vulgata e nas traduções modernas dela dependentes, os Doze aparecem somente depois dos chamados Profetas Maiores – de Isaías a Daniel.

¹³ Tov disse: “Textual criticism mainly takes into consideration the one composition which is reflected in all the known textual sources and which has been accepted as authoritative by Judaism”. Cf. TOV, E. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, p. 172.

¹⁴ Cf. JONES B. A. *The Formation of The Book of The Twelve. A Study in Text and Canon*. SBL Dissertation Series 149, Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1995, pp. 2; 40. Outras fontes antigas indicam pelo menos cinco seqüências diferentes para o livro dos Doze o que demonstra que o arranjo foi totalmente vago, mas que a noção do livro como um todo era segura. Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophetic Books or The Twelve: a few Preliminary Considerations”, *JSOT* 235 (1996) 125-156, p. 134.

¹⁵ Na Vulgata, na Peshita e nas versões modernas, o livro de Miquéias ocupa a sexta posição entre os Profetas Menores, seguindo Jonas e precedendo Naum como no TM. O Talmud (bBatra 14b-15a) apresenta também esta mesma classificação.

A seqüência dos livros nos manuscritos da LXX é diversa para os seis primeiros livros (Os, Am, Mq, Jl, Ab, Jn); no entanto, há seqüências fixas: os livros de Abdias e Jonas e os últimos seis livros (Na, Hab, Sf, Ag, Zc, MI) são seqüências que aparecem em ordem idêntica àquela do TM¹⁶. A LXX move Joel para o quarto lugar em vez da segunda posição, como o TM. Jonas é igualmente posterior na LXX, ocupando a sexta colocação, e não a quinta do TM. Além disso, Miquéias é deslocado para o terceiro na LXX, em vez da sexta posição que ocupa no TM.

A partir dos dados acima, observa-se, então, que os Profetas Menores não possuem sempre a mesma posição e a mesma classificação nas diferentes tradições manuscritas. O único livro a permanecer a mesma posição é o de Oséias, sendo sempre o primeiro livro a ser listado. Talvez o seu lugar tenha sido determinado em função de suas afirmações centrais sobre a relação entre YHWH e Israel.

A posição de ver Oséias e Amós, juntos, pode ser explicada devido às subscrições mencionando os mesmos reis Ozias no Sul e Jeroboão no Norte. Miquéias segue Amós porque Ozias (rei mencionado com Amós) foi sucedido por Jotão no Sul (rei mencionado em Miquéias). Ambos, Oséias e Amós, iniciam com Ozias, e então precedem Miquéias, que começa com Jotão. Além disso, todos os três profetas apresentam subscrições exatamente no início; e Sofonias, que é datado no tempo de Josias e obviamente posterior, é colocado próximo aos livros exílicos. Não há dúvida de que a LXX organizou estes livros de acordo com a cronologia¹⁷ das subscrições, entretanto, esta tradução ignorou as ligações verbais declaradas – abundantes instrumentos entre Joel e Amós. As referências a Nínive, encontradas em Jonas e Naum, são provavelmente as razões para as suas posições na ordem dada pela LXX, mas outras referências similares são ignoradas, tais como a de Ex 34,6, que existe em Mq 7,18-20 e Na 1,3; ou o fato de que Mq 7,12 promete que algum dia a Assíria virá a Israel, correspondendo ao arrependimento

¹⁶ Igualmente a ordem dos livros – do 7º ao 12º (Naum – Malaquias) é confirmada pela ordem atestada em 4QXIII^a. Cf. FULLER, “The Form and Formation of the Book of the Twelve: The Evidence from the Judean Desert”, in *Forming Prophetic Literature. Essays on Isaiah and the Twelve in honor of John D. W. Watts*, 86-101, p. 92.

¹⁷ Em favor deste critério está A. Van HOONAKER, *Les douze Petits Prophètes*, p. 8. O que contesta A. Chouraqui, *L'univers de la Bible*, t. V, Paris, 1984, p. 15 e outros. Sobre a influência dos títulos destes livros, conferir A. SCHAT, *Die Entstehung des Zwölfprophetenbuch*, p. 32.

de Nínive em Jonas. Miquéias se situa entre o arrependimento de Nínive em Jonas e a falta do mesmo – o que resulta no seu julgamento em Naum.

Há ainda interesse paralelo entre Oséias e Amós, que estão justapostos na LXX. Oséias continuamente chama Betel “casa de distúrbio” (4,15; 5,8; 10,5); e em Amós 5,5 ele diz que Betel poderia se tornar um incômodo. Porém, os paralelos entre os pares de Joel e Amós no TM certamente excedem em número aqueles realizados entre Oséias e Amós.

Herber Marks¹⁸ teoriza que o arranjo do TM mostra uma tentativa de colocar os seis primeiros profetas no séc. VIII, quando a Assíria estava ressurgindo, em ordem cronológica - Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias. Os três profetas seguintes, Naum, Habacuc e Sofonias, foram inseridos no declínio da era Assíria, no fim do séc. VII a.C. Os três últimos, Ageu, Zacarias e Malaquias, são da era Persa, no período pós-exílio em Israel. Marks, porém, não afirma que é apenas a cronologia que explica o arranjo do TM, mas também os *catchwords* e os elos verbais determinam a organização literária. A explicação de Marks para a ordem LXX é de que esta ordem dos seis primeiros para o período Assírio está de acordo a extensão. Oséias, o livro mais longo (14 caps.), Amós (9 caps.), Miquéias (7 caps.), Joel (3 caps.), Abdias (1 caps.) e Jonas (4 caps.), como um comentário da coleção inteira. Marks não explica este comentário, que não é convincente ou não parece real. Jonas está cronologicamente no esquema do TM, precedendo Miquéias historicamente, mas não na LXX – onde ele segue Miquéias. Talvez a sua posição na LXX seja para manter Jonas e Naum juntos, bem como para assegurar a destruição de Nínive (Naum), imediatamente após o seu arrependimento e salvação em Jonas. Miquéias 7,12.18-19 promete misericórdia à Assíria, o que os compiladores da LXX podem ter julgado menos importante. Marks também sugere que o arranjo dos últimos profetas – Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze – corresponde aos três Patriarcas e às Doze tribos de Israel. Não há, igualmente, muita evidência para isto.

Apesar da seqüência dos primeiros livros nos manuscritos da LXX ser diversa para os seis primeiros livros (Os, Am, Mq, Jl, Ab, Jn), há seqüências fixas

¹⁸ Cf. MARKS, Herber, “The Twelve Prophets” in *The Literary Guide to the Bible*, Ed. R. Alter and F. Kermode, Cambridge: Harvard University Press, 1987, 207-209

para os livros de Abdias e Jonas que são idênticas àquela do TM¹⁹. Em relação às seqüências de Jonas e Abdias, Bogaert²⁰ sugere a interpretação de que Jonas teria sido unido após Abdias como para marcar a seqüência da qualidade da mensagem enviada às nações. Jonas atribui a salvação até mesmo para Nínive, enquanto que Abdias a restringe a Judá. Abdias se dirige contra Edom; Jonas e Naum concernem a Nínive e Habacuc aos caldeus. Naum e Habacuc também se assemelham literariamente – o primeiro supre a identidade dos opressores que não são identificados no segundo, a saber, a Assíria. Habacuc identifica o agente da destruição de Nínive/Assíria descrita em Naum, isto é, a Babilônia. Naum inicia com a teofania e Habacuc termina com a teofania. Esses profetas (Ab, Jn, Na e Hab) posicionam-se seqüencialmente na LXX; no entanto, no TM eles possuem a mesma seqüência, mas são intercalados pelo livro de Miquéias (Ab, Jn, Mq, Na e Hab).

A LXX move o livro de Joel para o quarto lugar, antes de Abdias, em vez da segunda posição no TM; o livro de Jonas também é posterior na LXX, ocupando a sexta colocação, em vez da quinta no TM; e o livro de Miquéias, que é de nosso interesse, passa para o terceiro lugar na LXX, em vez da sexta posição no TM²¹. Nota-se que, na versão LXX, Miquéias foi unido aos profetas do séc. VIII a.C.,

¹⁹ Todavia, no manuscrito 4QXII^a Jonas parece seguir Malaquias, presumivelmente no fim do rolo dos Doze Profetas. Uma tradição Midrástica preservada em *Numbers Rabbah* 18,21 separa Jonas dos Doze, considerando-o um livro único. Entretanto, esta tradição Hagádica tardia não pode ser lida como uma evidência direta para a circulação do livro de Jonas, separado do resto dos outros livros. Isto mostra que a distinção de Jonas em relação aos outros Profetas Menores era aparente para os leitores antigos, incluindo talvez aqueles que o uniram ao fim do rolo dos Profetas Menores. Cf. JONES, B. A., “The Book of the Twelve as a Witness to Ancient Biblical Interpretation”, in NOGALSKI, J. D. & SWEENEY, M. A., *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, 71.

²⁰ O autor ainda reconhece que a organização dos grandes relatos proféticos mostra que os livros dos três grandes profetas (Os, Am e Mq) e o livro de Sofonias são organizados em três seções (oráculos contra o povo de Deus, oráculos contra as nações e as promessas). O *Dodekapropheton* é organizado nesta mesma perspectiva: os livros de Oséias, Amós e Miquéias são dominados pelos oráculos contra Israel; os de Ageu, Zacarias e de Malaquias concernem à restauração (promessa). Entre estes dois blocos se encontram, em uma seção central composta de Abdias, Jonas, Naum e Habacuc, livros que formulam ameaças contra as nações. Esta seção é emoldurada pelos livros chamados “Dia de YHWH”, de Joel e Sofonias. Cf. BOGAERT, P. M., *L’organisation des grands recueils prophetiques*, 147-153, p. 149.

²¹ A ordem de Miquéias na LXX (terceira posição) é confirmada também por outros Manuscritos Gregos, com exceção do Códice Basiliano-Venetus (N+V), que mostra a seguinte ordem para os seis primeiros livros: Os, Am, Jl, Ab, Jn e Mq. Esta ordem é também encontrada nos Manuscritos Latinos, a saber: La^s (séc. IX d.C.) e La^c (séc. V d.C.). Cf. FULLER, R., “The Form and Formation of the Book of the Twelve: The Evidence from the Judean Desert”, p. 92.

seguido de Joel. A LXX assim como a Bíblia Hebraica coloca Jonas antes de Naum, com o qual ele trata a mesma temática (o futuro de Nínive)²².

Observa-se que o livro de Miquéias possui uma colocação instável nos testemunhos textuais existentes, no entanto, sua posição coincide na LXX e em 4 QXII^a (também no Códex Vaticanus) entre Amós e Joel²³. Miquéias se relaciona bem com Joel, livro que o segue (na LXX), porque Joel diz respeito às ameaças feitas pelas nações a Jerusalém, parecidas com aquelas apontadas por ele. O mesmo ocorre em relação à sua posição no TM entre Jonas e Naum²⁴. Por outro lado, o lugar de Jonas não seria ligado às aproximações históricas, mas às afinidades verbais com Joel. O livro também está ligado pelo tema de Nínive presente em Naum, que segue Jonas - se por um lado Nínive é salva (Jn 3,10), por outro lado é anunciada a sua ruína (Na 2-3). Deste modo, o destino desta cidade está em contraste, até mesmo em relação à atitude de Deus. Naum apresenta um Deus vingativo, colérico, ao contrário da imagem apresentada por Jonas – um Deus misericordioso²⁵. Miquéias toma uma posição intermediária, diferenciando entre as nações que se convertem e as que não se convertem. Disto resultam os apelos à escuta em Mq 1,2; Mq 3,1 e Mq 6,1, ou à inclusão devido a Mq 1,2, de 5,14 שְׁמַעוּ עַמִּים / לֹא שָׁמְעוּ אֶשֶׁר לֹא שָׁמְעוּ, que denota uma função-chave.

A ligação temática correspondente ao tema de Nínive tomou precedência, aqui, sobre as considerações cronológicas – que seguem as datas indicadas nos

²² Jones assume que a justaposição de Jonas e Naum no arranjo da LXX pode ter sido motivada por uma tentativa de equilibrar o retrato da justiça divina para as nações que estavam contidas nos livros de Joel, Abdias e Naum com a mensagem da soberana misericórdia de YHWH no livro de Jonas. No arranjo do TM, esta conexão temática poderia ter sido descrita pelo maior conteúdo histórico. Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 239.

²³ Há fortes ligações temáticas e lingüísticas do Livro de Joel com Amós (cf. Jl 4,1-21 e Am 1,2-2,16; Jl 1,1-2,11 e Am 3,6ss; assim como o tema do “dia de YHWH” em Jl 1,15; 2,1.11 e Am 5,18; cf. Am 1,2).

²⁴ De todos os livros do AT, estes dois livros são os únicos que terminam com uma questão (Na 3,19 e Jn 4,11). Curiosamente, eles se situam entre os Doze, são mais ou menos do mesmo tamanho, se dirigem à sorte de Nínive e trazem uma postura de Deus a respeito de ambos. Também se pode notar que estes dois livros são os únicos na coleção dos Doze, nos quais não se menciona “o Dia de YHWH”. Coggins aponta uma relação íntima entre eles – se referem à mesma cidade Nínive, que é confrontada de um lado com a mensagem de ameaça e de outro lado com uma mensagem de salvação – e afirma que o livro de Jonas foi escrito para ser colocado antes do livro de Naum. O autor pensa que provavelmente o estilo das narrativas seja “*Zwiesprache*”, que fala de duas diferentes soluções para o mesmo problema (cf. a íntima relação de Jn 4,2 e Na 1,3). Cf. COGGINS, “The Minor Prophets one Book or Twelve”, p. 66.

²⁵ O final do livro de Miquéias (Mq 7,19-20) é particularmente sugestivo, pois ele faz eco à imagem de Deus reencontrada no final de Jn 3. Miquéias fala do Deus do amor (v.18 cf. Jn 4,2), significando assim que a cólera de Deus é de curta duração. Mq 7,18-20 reconhece os caprichos

títulos dos livros de Jonas e Miquéias. A explicação para tal fato encontra-se no início do Targum de Na 1: “Anteriormente Jonas, o filho de Amittai, o profeta de Gath-Hepher, profetizou contra ela e ela arrependeu-se de seus pecados; e quando ela pecou novamente profetizou mais uma vez contra ela Naum de Beth Koshi, como é lembrado neste livro”. Os novos pecados de Nínive provavelmente referem-se ao texto de Mq 5,4s, que menciona Assur entrando no território de Judá. Podemos dizer que os dois livros que intercalam Miquéias, Jonas e Naum (no TM) indicam intervenções maiores que são aparentemente percebidas. Nínive, tanto no Livro de Jonas quanto no Livro de Naum, torna-se, assim, através da alternativa desdobrada no Livro de Miquéias, o paradigma para uma reconstrução futura ou a destruição dos povos. Levanta-se assim a pergunta se haveria aí a intenção de ligar estreitamente estes livros com o livro de Miquéias, já existente e completo, ou não.

Caso se responda afirmativamente à questão acima, o livro de Miquéias possuiria a função de sistematizar a atitude das nações encontradas nos três livros que o cercam: Joel (na versão LXX), Jonas e Naum (no TM). O artigo de Zapff²⁶ defende esta tese e procura explicar o papel que Miquéias representa na sistematização das diferentes vidas do povo, retratadas em Joel, Jonas e Naum. O julgamento dos povos diante de Sião no Livro de Joel encontraria sua correspondência em Mq 4,11-14 e 7,10. À prometida possibilidade de conversão dos povos em Jonas e à disposição para o perdão de YHWH corresponderia a peregrinação dos povos para Sião em Mq 4,1-3 e Mq 7,12. O julgamento definitivo sobre todos os povos que “não obedecem”, a saber, os que não peregrinaram para Sião (Mq 5,14; 7,13) deveria ser procurado em Na 1, onde, conseqüentemente, diferencia-se entre os “inimigos de YHWH” (Na 1,2b) e “aqueles que procuram abrigo em YHWH” (Na 1,7). O autor considera possível uma inter-relação entre estes livros a partir de indícios formais. Deveríamos, nesse caso, contar com um processo redacional com diversas inserções, responsáveis pela criação de estruturas, relações temáticas e verbais entre os livros. As

divinos como um favor para Israel. Deste fato, nem arrependimento, nem ato de expiação não são requeridos (Mq 7,18).

²⁶ ZAPFF, B. M., “Die Völkelperspektive des Michabuches als “Sustematisierung” der divergierenden Sicht der Völker in den Büchern Joël, Jona und Nahum? Überlegungen zu einer buchübergreifenden Exegese im Dodekapropheten”, *BZ* 98 (1999), pp. 86-99.

intervenções redacionais poderiam ser observadas não só no conjunto, mas também em cada um dos livros individualmente.

Na visão deste autor, ao datarmos os três livros, seria necessário então contar com o fato de que a perspectiva dos povos descrita por Miquéias ocorreu no período no qual já existiam a seqüência dos três livros (Jl, Mq e Na - testemunhada pelo TM), e que foi responsável pela introdução do Livro de Jonas no Corpus dos Doze Profetas. Supõe-se, pois, que os escritos não foram reunidos, já tendo sido encontrados em sua forma final. A pergunta decisiva para a verificação desta hipótese é se podem ser encontradas ligações condicionadas redacionalmente entre a camada redacional do livro de Miquéias e os três livros de Joel, Jonas e Naum. De uma certa maneira é correto – defende o autor – que o livro de Jonas supõe o livro de Joel. No entanto, uma questão fica aberta: o livro de Jonas foi inicialmente concebido como um escrito independente ou foi integrado no livro dos Doze profetas? Nosso objeto de estudo será com relação à seqüência massorética Jonas-Miquéias e Naum, levando-se em consideração que a posição do livro de Miquéias não se trata de um acaso.

Pode-se observar que a cronologia não é o princípio mais importante, pois, se assim o fosse, o compilador poderia ter colocado Jonas após Amós, uma vez que a subscrição mencionando Jeroboão II em Amós sustentaria uma perfeita introdução para a seqüência do livro de Jonas. O livro de Joel não possui qualquer alusão histórica e é datado no período Persa; posiciona-se na LXX após o livro de Miquéias, cuja subscrição se ancora no séc. VIII e é unido a Abdias, que é datado em 587 a.C. Observa-se então que, embora haja uma dinâmica temporal, estes livros não seguem uma ordem cronológica rigorosa²⁷.

A ordem da LXX envolve não apenas a própria ordem dos livros, mas a ordem final dos Doze, nos últimos versículos de Malaquias. Petersen²⁸ nota que nos três últimos versículos deste livro (Ml 3,22-24) a LXX coloca que é o versículo 22 do TM, “lembra a Tora do meu servo Moisés”, que insiste na fidelidade à lei dada a Moisés; em seguida, os vv. 23-24 aludem à promessa do

²⁷ Seguindo a cronologia, o livro de Jonas não deveria se encontrar com Amós no início e o profeta Oséias lhe seria posterior? Da mesma forma, as ilusões históricas em Jl situam seus escritos ao período persa; por que neste caso ele se situa na segunda posição? Ou ainda por que Miquéias (séc. VIII) vem após Abdias que poderia datar do período exílico? Deste modo, a interpretação da formação dos Doze Profetas Menores pela ordem cronológica não precede.

²⁸ Cf. PETERSEN, D., “A Book or Twelve?”, pp. 7. 10.

envio de um novo Elias e à vinda do “Dia de YHWH”²⁹. Para este autor, o tema dominante no rolo dos Profetas Menores é o יום יהוה (Dia do Senhor), uma tradição por meio da qual estes profetas poderiam explorar tanto o tema da devastação do julgamento quanto a possibilidade de vida para além da destruição.

O lugar dos Doze na Bíblia Hebraica apresenta-se com mais diferenças no TM do que na LXX, pois, no primeiro, há a conclusão de todo o livro. Todavia, Petersen³⁰, em outra citação escreve: “I Maintained earlier that MI 3,22-24 is an epilogue. But to what is it an epilogue? There are numerous possible responses: it is an epilogue to the book of Malachi, to the three “oracles”, to the so-called Book of the Twelve or Minor Prophets, to “the Prophets”, to “the Prophets” and “the Torah”, or to the entire Hebrew Bible?” O autor reconhece: “There is no easy answer”. De fato, o que encontramos são eventuais hipóteses oferecidas à discussão dos exegetas.

2.3 Atestações dos manuscritos antigos

Em seu tratado, Talmude da Babilônia 14b-15a, Baba Batra fornece informações que confirmam a unidade dos Doze. De acordo com as instruções em b. B. Bat 13b é recomendado, para a cópia dos livros bíblicos, deixar quatro linhas em branco; todavia, entre os livros dos Profetas Menores há três linhas somente. Na sua lista dos livros bíblicos, Baba Batra cita os Doze como um único livro, e não como doze livros³¹.

No fim do seu Manuscrito, o TM denomina os Doze (שנים עשר) e dá o número total dos seus versículos não só de Malaquias, mas também dos Doze, aludindo ao fato de que Miquéias 3,12 é a metade do escrito dos Doze (הספר חצי). A unidade destes livros se reflete também no nome tardio dado pelo Judaísmo תרי עשר, forma abreviada aramaica do número 12³². Provavelmente, este título veio de um período em que os judeus falavam Aramaico, e que poderia

²⁹ As referências mais importantes para o “Dia de YHWH” nos Doze são: Os 9,5; Jl 3,4; Am 5,18-20; Ab 15; Mq 2,4; Hab 3,16; Sf 1,7-16; Ag 2,23; Zc 14,1; MI 4,1.

³⁰ Cf. PETERSEN, D., *Zechariah 9-14 and Malachi*, Louisville, 1995, pp. 232-233.

³¹ Cf. EMANUEL TOV, *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, Second Revised Edition, Minneapolis: Fortress Press, 2001, p. 217.

³² MURAOKA, T., “Introduction aux douze petits prophètes”, in BONS, E. et alii, *La Bible d’Alexandrie. T. 23/1: Les Douze Prophètes. Osée*, Paris, 2002, p. 1.

ser algum tempo após o exílio da Babilônia, quando o Aramaico era a língua dominante.

Além de reduzir o espaço cronológico entre a composição do livro dos Doze e os manuscritos existentes do TM, as descobertas de Qumran e do Deserto de Judá contribuem para a nossa compreensão das cópias dos textos bíblicos, fornecendo informações acerca dos mesmos e dos testemunhos textuais. O documento do livro dos Doze do TM, descoberto em Wadi Murabba'at, apesar de deteriorado, foi atestado com maior antiguidade que os manuscritos prévios permitidos³³. Este documento, datado do séc. II, preserva partes de textos proto-Massoréticos dos Profetas Menores, considerados quase idênticos ao texto consonantal do TM³⁴. Os restos do rolo iniciam com Jl 2,20, inclui partes dos textos de Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu e conclui com Zacarias 1,4. Cada livro existente é encontrado na mesma ordem apresentada pelos Manuscritos do TM³⁵.

A unidade do livro é também indicada pelos manuscritos da LXX, de acordo com as diversas técnicas escritas e tradições. Há dois Manuscritos que antecedem a Hexapla de Orígenes (ca. 240-245 d.C.): o Manuscrito dos Doze descoberto em Nahal Hever (ca. 100-50 a.C.), identificado como uma revisão da LXX – ainda que difira pouco do TM -,³⁶ e o Códice de Washington, manuscrito mais antigo e

³³ A evidência dos manuscritos antigos em gamas hebraicas data aproximadamente do meio do segundo século a.C. (4QXI1a & b) para a segunda metade do primeiro século d.C. (Mur 88). Inclui sete rolos de papel da Cave IV Qumran que datam em sua maior parte do período de Hasmoneus (ca. 150-30 a.C.) e parece terem sido rolos de papel completos dos Profetas Menores. Cf. FULLER, R., "The Form and Formation of the Book of the Twelve: The Evidence from the Judean Desert", p. 87.

³⁴ O acordo com o sistema de divisão e a colocação da mesma no Manuscrito Massorético posterior é muito forte, e claramente apóia a classificação de Mur 88 como texto Proto-Massorético Cf. Emanuel Tov, 47-51, 104. As diferenças encontradas em relação ao TM são as adições/inclusões de frases ou palavras, omitidas naquele, e neste corrigidos. Estas adições sempre corrigem o texto de Mur 88 concordando com a leitura consonantal do TM. Essa correção do texto de Mur 88 pode ser indicativo do processo de padronização do texto consonantal. Cf. FULLER, R., *The Form and Formation of the Book of the Twelve: The Evidence from the Judean Desert*, 89.

³⁵ Cf. JONES, *The Formation of The Book of The Twelve*, p. 4.

³⁶ Este rolo escrito em grego, encontrado em Nahal Hever (ca. 100-50 a.C.), mostra a necessidade da comunidade Judaica que falava a língua grega de estar em conformidade com o texto Hebraico dos Doze. Cf. FULLER, R., "The Form and Formation of the Book of the Twelve: The Evidence from the Judean Desert", p. 90. Os restos fragmentários do rolo grego designado como 8 Hev XIIgr atestam a Antigüidade de ambas as versões, a do TM e da LXX, como testemunhas para o livro dos Doze; e também sublinham as diferenças textuais existentes entre estes mesmos manuscritos dos Profetas Menores. Este rolo contém partes dos livros de Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias e Zacarias. E como contém o fim do livro de Jonas e o início do livro de Miquéias colocados juntos, faz nos pensar que a seqüência dos seis primeiros livros era idêntica à do TM. Sendo assim, é provável que a seqüência dos livros em 8 Hev XIIgr seja também o

completo, datado do séc. III d.C., que confirma tanto o nome simples dos profetas quanto o número dos Doze nos títulos de cada um dos livros. O mesmo vale para os Códices Unciais do Vaticano, Alexandrino e Sinaítico, datados do séc. IV e V³⁷. De fato, a história da transmissão textual certificada pelos manuscritos antigos mostra tanto a Antigüidade consistente da unidade textual quanto a uniformidade do estatuto sagrado dos Doze³⁸.

Tanto na tradição hebraica quanto na tradição grega existem hiatos cronológicos. Há um espaço temporal de quase 800 anos entre Mur 88 e o próximo Manuscrito dos Doze – o Códice do Cairo. O intervalo entre a tradição grega é menor – o Manuscrito de Nahal Hever data de aproximadamente 100-50 a.C. –, como vimos acima; e o Papiro de Washington é datado do séc. II d.C. Estas informações nos confirmam que a coleção dos Doze já se completara por volta do séc. II a.C. e que a ordem dos livros nos rolos dos Profetas Menores do séc. I e II parece estar em conformidade à ordem que mais tarde tornou-se modelo no TM³⁹. Isto indica uma uniformidade característica do respeito religioso pelo escrito.

Também as descobertas de Qumran acerca dos Doze profetas (4QXII^a), entre 1947 e 1956, atestam a unidade do livro dos Doze, contido em um único rolo⁴⁰; e indicam duas transições certas entre os livros preservados: Sofonias-Ageu em XII^b (ca. 150 a.C.) e Amós-Abdias em XII^g (ca. 50-25 a.C.). Os fragmentos de XII^c (ca. 75 a.C.) podem preservar a transição de Joel-Amós. Como o texto está danificado, é impossível assegurar esta transição. Finalmente, XII^a (ca. 150 a.C.) preserva a única transição entre Malaquias e Jonas. Assim, o manuscrito de 4QXII^a, mesmo incompleto⁴¹, nos dá a sucessão dos três últimos livros dos Doze, a saber, Zacarias, Malaquias e Jonas.

resultado de uma atividade recensional. CF. JONES, B. A. *The Formation of The Book of The Twelve*, pp. 5-6.

³⁷ Cf. JONES, B. A. *The Formation of The Book of The Twelve*, p. 4.

³⁸ Cf. TOV, E. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, pp. 204.

³⁹ Cf. FULLER, “The Form and Formation of the Book of the Twelve: The Evidence from the Judean Desert”, p. 91.

⁴⁰ “The individual books of the Minor Prophets were considered as one book contained in one scroll (thus the Minor Prophets Scroll from Wadi Murabba ‘at, MurXII). Cf. EMANUEL TOV, *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, p. 104.

⁴¹ Este rolo contém partes dos livros de Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias e Zacarias. Cf. Tabela editada por FULLER, “The Form and Formation of the Book of the Twelve: The Evidence from the Judean Desert”, p. 92.

Jones observa que a versão 4QXII^a contém o arranjo que reflete a colocação inicial de Jonas entre os Doze. Jonas teria sido o último livro a ser inserido nos Doze⁴². A. Schart⁴³ é da mesma opinião, ao dizer que a justaposição de Jonas e Malaquias fecha um longo processo redacional. Para este autor, cada adição está baseada em uma nova experiência histórica, refletindo uma concepção particular do profetismo. Esta última seção, como pensa Schart, foi realizada com o objetivo de criticar o retrato de YHWH realizado pelo livro de Joel.

No que concerne à questão sobre qual classificação original é a mais antiga, a maioria dos críticos opta pela ordem Hebraica,⁴⁴ contrariamente a B. A. Jones, que escolheu a ordem atestada pela LXX⁴⁵. Em sua opinião, as descobertas de Qumran trazem uma luz sobre a formação dos Doze. Considerando tanto a ordem dos seis primeiros livros no TM e na LXX quanto o local do livro de Jonas na lista de Qumran, certas observações são consideráveis. Assim, Jones estima que a ordem dos livros atestada no rolo de Qumran (4QXII^a), isto é, com o livro de Jonas no final da classificação, é, sem dúvida, a mais antiga das três; a segunda lista mais antiga é a da LXX, com Joel, Abdias e Jonas inseridos após Oséias, Amós e Miquéias. O TM seria uma etapa mais trabalhada do livro dos Doze⁴⁶.

Dessa forma, constatamos que os primeiros Manuscritos – entre a metade do séc. II e a metade do séc. I a.C. – fizeram uso de uma variedade de sistemas; no entanto, a evidência destes materiais nos indica que houve um sentido de unidade nos Manuscritos Hebraicos dos Doze. A ordem dos livros, com uma exceção (4QXII^a, que preserva a ordem incomum Malaquias-Jonas), confirma a ordem tardia encontrada no TM. Podemos concluir que a conservação de tais Manuscritos da coleção dos Doze mostra o interesse e a importância deste material, considerada a palavra de YHWH revelada aos Profetas. Essa atitude

⁴² Cf. JONES, B. A. *The Formation of The Book of The Twelve*, p. 130; esta posição do livro de Jonas, finalizando o rolo dos Doze, tem recebido atenção particular da parte dos estudiosos. Cf. O. H. STECK, *Zur Abfolge Maleachi – Jona in 4Q76 (4QXII^a)*, ZAW 108 (1996) 249-253,253. Trataremos do assunto em um outro capítulo: Miquéias em relação aos Doze.

⁴³ Cf. A. SCHAT, *Die Entstehung des Zwölfprophetenbuchs. Neubearbeitungen von Amos in Rahmen schriftenübergreifender Redaktionsprozesse*, BZAW 260, Berlin- New York, 1998, pp. 283-287.

⁴⁴ Cf. SCHNEIDER, D. A., *The Unity of the Book of the Twelve*, Ph.D.diss., Yale University, 1979, pp. 224-226; NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve*. Beihefte zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft, no. 217, Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 2.

⁴⁵ Jones censura os exegetas tais como D. A. Schneider, A. Y. Lee, P. R. House, J. Nogalski, de só considerarem o TM não levando em conta os outros testemunhos textuais. Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, pp. 239-240.

⁴⁶ Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 131.

particular para esses escritos pode ser tão íntima para as comunidades judaicas antigas quanto para aquelas do Judaísmo e Cristianismo, que viram igualmente este material como sagrado.

Pode-se dizer que a ordem dos livros dos Profetas Menores resulta das diversas épocas delineadas pelos próprios títulos dos escritos: os primeiros seis profetas são situados no séc. VIII; os outros três seguintes no final do séc. VII; e os três últimos no final do séc. VI. Na realidade, esta seqüência cronológica, em todos os livros, não corresponde à verdadeira época do surgimento dos escritos⁴⁷. Como afirma M. A. Sweeney⁴⁸, é preciso esclarecer que o princípio da cronologia não explica inteiramente a organização do livro dos Doze tanto no TM quanto na LXX. Há problemas com a sucessão cronológica de ambas as versões, particularmente em relação a Joel, Abdias e Malaquias. Embora haja uma dinâmica temporal, os Doze não seguem uma ordem cronológica rigorosa⁴⁹. Cada um dos livros pode ser lido independentemente do contexto literário atual do livro dos Doze, pois cada qual traz seu próprio conteúdo, forma, características genéricas, colocação sócio-histórica e perspectiva ideológica ou teológica. Os livros são distintos, com comunicação literária autônoma. Os temas que dizem respeito às relações ou à aliança entre YHWH, Israel e as nações surgem diferentemente segundo cada uma destas ordens (TM e LXX). Sweeney resume essas diferenças da seguinte forma: o TM acentuaria o papel de Jerusalém como centro da criação e das nações e seria o reflexo da época de Esdras e Neemias; a versão LXX traria, por sua parte, um interesse particular pela experiência do Reino Norte como modelo para Jerusalém, à época do exílio na Babilônia.

Finalmente, não seria melhor afirmar, como Petersen⁵⁰, que existem vários princípios que permitiram aos doze livros (TM e LXX) se encontrarem em um mesmo Corpus? E, a partir de uma história redacional reconhecida como

⁴⁷ O Talmud diz que o arranjo é cronológico. Esta é apenas uma parte da explicação para a ordem da Bíblia Hebraica. Outras razões podem ser discernidas na seqüência dos Doze.

⁴⁸ O arranjo dos doze livros proféticos dentro do grande livro dos Doze não tem sido examinado suficientemente, e este critério é especialmente importante para a concepção e composição do livro dos Doze como um trabalho literário autônomo. Cf. M. A. SWEENEY, "Sequence and Interpretation in the Book of the Twelve", pp. 52-53 in Nogalski, J. D. & SWEENEY, M. A. *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, SBL SS 15, 2000.

⁴⁹ Cf. PETERSEN, D., "A Book or the Twelve?", p. 6.

⁵⁰ "[...] diverse orderings argue in the direction of an anthology rather than a book". PETERSEN, D. P. "A Book of the Twelve?", 7, in Nogalski, J. D. & SWEENEY, M.A. *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, SBL SS 15, 2000.

complexa, é ainda possível ler os Doze como um único livro? Petersen prefere falar não de um livro, mas de uma antologia tematizada.

2.4 Testemunhos bíblicos e extrabíblicos

A tradição testifica a Antigüidade da unidade textual do livro dos Doze e seu caráter sagrado, o que é corroborado por referências bíblicas e extrabíblicas. Assim, desde antes da era cristã a coleção desses livros era considerada como um único corpo.

A Vulgata fala dos Doze Profetas Menores⁵¹, de um modo que sugere a existência de Doze livros independentes. Mas a nota de uma observação de S. Jerônimo no prefácio: “unum librum esse duodecim prophetarum” – mostra qual a concepção do grande Mestre bíblico da Igreja Latina em relação ao conjunto dos Doze Profetas⁵².

Na sua maneira de contar os livros do AT, Flavio Josefo⁵³ considera os Doze como um único livro, que partilha interesses e significados comuns. Ele fala (*Contra Apio* 1,40) que Moisés e os profetas foram responsáveis pela escritura de treze livros, os cinco livros da Tora; os quatro profetas do passado e os quatro últimos profetas (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze) da Bíblia Hebraica. A primeira lista dos livros da Escritura Hebraica na literatura cristã é citada por Melitão, Bispo de Sardes, e foi conservada por Eusébio (Hist. Eccl. IV, 26). Nela, Melitão menciona os Doze em um único livro: *ton dodeka en monobiblo*. Outra lista antiga é a de Orígenes, também preservada por Eusébio (Hist. Eccl. VI, 25),

⁵¹ O termo “Profetas Menores” ocorreu provavelmente pela primeira vez em Santo Agostinho, *De Civitate dei XVIII 29 (Prophatae Minores)*. Deve-se esclarecer que o que se teve em vista foi a abrangência retrospectiva desses livros após os livros de Isaías, Jeremias e Ezequiel e não que se tenha querido expressar uma significação de algum modo menor dos Profetas que dão nome aos livros.

⁵² Cf. ZENGER, E., *Introdução ao Antigo Testamento*, Bíblica, Loyola 36, São Paulo: Loyola, 2003, 461; Schneider em sua tese faz uma referência ao prólogo dos Doze Profetas na Vulgata, realizado por Jerônimo, no ano 390. d.C., acrescentando: “este é um livro (unum librum) dos Doze Profetas” e que “Oséias é contemporâneo de Isaías, Malaquias no tempo de Ageu e Zacarias”. Cf. SCHNEIDER, *The Unity of the Book of the Twelve*, University Microfilms, 1984, p. 1.

⁵³ Num tratado intitulado *Contra Apio*, I 38-41, dirigido aos gentios, afirma ele que os judeus têm em sua biblioteca sagrada um número determinado e limitado de 22 livros justificadamente acreditados. Ele os nomeia de acordo com a cronologia da época a que se referem. Um dos mais tradicionais arranjos desses escritos nas fontes rabínicas e nos manuscritos da Bíblia são estabelecidos numa seção do Talmud Babilônico, baba Bathra 14b, que pode remontar ao séc. II d.C. Cf. MILLER, J. W., *As origens da Bíblia*, Repensando a História Canônica, Coleção Bíblica, Loyola 41, São Paulo: Loyola, 2004, p. 15.

que atesta a unidade dos Doze de maneira incomum. A lista de Orígenes elenca os 22 livros hebraicos, embora a lista só contenha 21 livros. O Livro dos Doze, que não figura na lista, presumivelmente por omissão acidental, seria o 22º livro do elenco⁵⁴.

A primeira referência bíblica, que confirma esses dados, remonta a Sirácida (49,10), em um contexto onde são mencionados outros profetas separadamente, como Isaías (Eclo 48,20), Jeremias (Eclo 49,6) e Ezequiel (Eclo 49,8). Ben Sira fala de τῶν δώδεκα προφητῶν. Esta passagem não apenas trata os profetas como uma coleção unificada como também enfatiza a sua mensagem⁵⁵. O que deveria ocorrer aos leitores dos Doze, de acordo com Sirácida, é que eles deveriam levar a mensagem de esperança de Deus para o povo⁵⁶. O autor não faz referências à ordem dos livros proféticos, mas refere-se aos profetas como heróis da história religiosa de Israel.

Pode-se também apoiar tais dados em uma carta, que hoje faz parte do texto de 2 Mc 1,10-2,18, enviada pelos judeus de Jerusalém aos do Egito, em 164 a.C. Tal documento afirma que Neemias fundara uma biblioteca que possuía uma “coletânea completa” dos livros que tratam dos Reis e dos Profetas, dos escritos de Davi e das cartas dos reis acerca das oferendas (cf. 2 Mc 2,13). Estes livros

⁵⁴Cf. D. SCAIOLA, “Il Libro dei Dodici Profeti Minori nell’esegesi contemporânea. Status Quaestionis”, *RivBib* 48 (2000) 319-334, p. 320

⁵⁵ Parece que a citação de Sirácida se refere aos profetas como indivíduos e não aos livros atribuídos a eles. Zenger nota que “neste contexto o número doze é sutilmente relacionado com o povo de Israel surgido dos doze filhos de Jacó, pois a atuação dos doze é enaltecida da seguinte maneira: trouxeram restauração para o povo de Jacó e o ajudaram por meio de uma confiança confiável”. Cf. ZENGER, *Introdução ao AT*, 46. Petersen também pensa que esta referência de Sirácida é para os profetas, eles mesmos como indivíduos, e não aos livros atribuídos a eles. Cf. PETERSEN, A Book of the Twelve? in Nogalski, J. D. & SWEENEY, M.A. *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, *SBL SS* 15, 2000, 4. Ben Zvi pensa que sobre a citação de Sir 49,10 não é necessário seguir que os livros dos 12 livros proféticos tenham sido escritos em um único rolo. Sir 49,10 indica que os 12 profetas estavam entre os grandes homens do passado, junto com Jó (Sir 49,9), Ez (Sir 49,8), Zorobabel (Sir 49,11) e outros. Sir 49,10 aponta também para uma clara e importante abordagem desses 12 profetas, a saber, principalmente, aqueles que confortaram Israel. Do fato de que Sir 48,10 cita Ml 3,23-24 não segue que Ben Sira conhecesse a coleção dos Doze na sua forma essencialmente completa (Cf. Jones Formation p. 8), a menos que se assuma previamente que Ben Sira não poderia ter tido acesso aos livros separados. Ben Zvi não considera que esta evidência seja útil para o estudo da composição, redação e, acima de tudo, para reconstruir o caminho no qual esses livros proféticos foram lidos e (re)lidos dentro das comunidades para as quais eles foram escritos. Cf. Ben Zvi, “Twelve Prophetic Books or “The Twelve”: A Few Preliminary Considerations”. in J. W. Watts – P. R. House, *Forming Prophetic Literature*, *JSOT* 235: Sheffield, 1996, p. 125-156, 130. Já Herbert Marks parece pensar que Sirácida se refere aos livros e não aos profetas. Cf. MARKS, Herber, “The Twelve Prophets”, p. 207.

⁵⁶ Cf. REDITT, P. “The Production and Reading of the Book of the Twelve”, 26, in Nogalski, J. D. & SWEENEY, M.A. *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, *SBL SS* 15, 2000.

foram dispersados por ocasião das perseguições religiosas realizadas por Antíoco IV e novamente reunidos por Judas Macabeu. Tais livros estavam novamente à disposição de quem pudesse deles precisar, como conclui a carta: “Se precisarem de algum deles, mandem alguém buscá-los” (2 Mc 2,15). Os livros sagrados dos judeus que estavam sendo protegidos e divulgados neste período (séc. II a.C.), segundo o nosso conhecimento, são os da “Lei, dos Profetas e os outros livros dos Pais”⁵⁷.

Outras referências bíblicas podem ser conferidas no NT, no qual encontramos várias passagens dos Profetas Menores, como as próprias palavras de YHWH. Em três ocasiões é citado o texto do livro dos Doze pelo nome individual do profeta: duas vezes em Romanos, referindo-se a Oséias (9,25-26); e uma vez em Atos dos Apóstolos, referindo-se a Joel (2,16-17). Uma referência explícita ao Livro dos Profetas encontra-se em At 7,42-43 “como está dito no livro dos Profetas”. Ainda no livro dos Atos dos Apóstolos, encontramos: “as palavras dos profetas” (At 15,15); “o que está dito no livro dos Profetas” (At 13,40-41). O uso do termo na forma de plural mostra que provavelmente esta se refere ao livro dos Doze, indicando assim que os escritores do NT conheceram os Profetas Menores como uma única unidade literária.

Entre os textos extrabíblicos convém recordar *2 Esdras 14, 44-45*, em que os Doze parecem ter sido contados como um entre os 24 livros que Esdras disse haver ditado e publicado; e *4 Esdras 1,39-40*, que elenca os Doze, seguidos dos três Patriarcas (Abraão, Isaac e Jacó) como líderes do povo do Oriente⁵⁸. Este segue a ordem da LXX. *Lives of the Prophets*, cuja lista Os, Mq, Am, Jl, Ab, Jn, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml também segue a LXX, exceto pela ordem de Miquéias, que precede Amós em vez de segui-lo. Este trabalho lista os eventos em torno da morte e enterro de cada um dos Doze Profetas. *Martyrdom and Ascension of Isaiah 4:22*, um apócrifo cristão que se uniu ao gênero literário da profecia e da história veterotestamentária, datado do séc. III d.C., elenca os nomes dos Doze Profetas Menores na seguinte ordem: Am, Os, Mq, Jl, Na, Jn, Ab, Hab, Ag, Sf, Zc, Ml. Esta ordem inverte o livro de Amós e Oséias. Ainda que não siga nem o

⁵⁷ Tal mensagem nos faz supor que havia matrizes dessas escrituras, e que os judeus tinham não só acesso a elas, como podiam obter cópias delas. Cf. MILLER, J. W., *As origens da Bíblia*, Repensando a História Canônica, Coleção Bíblica, Loyola 41, São Paulo: Loyola, 2004, p. 31.

⁵⁸ “The context of this listing is concerned more with the prophets as individuals than with their literary remains.” Cf. JONES, B. A. *The Formation of The Book of The Twelve*, p. 11.

TM nem a LXX, é mais próxima desta última. Embora seja possível que as seqüências variantes em *Lives of the Prophets* e *Martyrdom and Ascension of Isaiah* sejam baseadas sobre testemunhas textuais, elas parecem ser mais casuais ao listarem os nomes individuais dos ‘profetas do que um arranjo textual alternativo dos livros proféticos. Estes testemunhos refletem mais a seqüência encontrada na tradução dos LXX do que a do TM e isto nos faz pensar no status autoritativo que o texto da LXX possuía na Antigüidade⁵⁹.

Todas essas referências citadas acima, relacionadas ao livro dos Doze, tentam demonstrar a continuidade durante vários séculos do tratamento do livro dos Doze como um único livro. Tais citações também confirmam que o livro dos Doze foi intimamente relacionado, na Antigüidade, com a preservação dos livros Hebraicos tidos como sagrados. Tanto a unidade dos Doze quanto seu antigo status bíblico são atestados nos manuscritos antigos. Baseando-se nesses dados que provém da tradição, que alguns estudiosos sustentam a unidade dos Doze caracterizando-a de dois modos: ou como o resultado de uma composição redacional (diversos editores terão feito inserções que criaram estruturas, relações temáticas e verbais entre os livros); ou como o resultado de uma compilação editorial (um editor final recolheu os livros em um só volume, devido às relações já existentes).

Na visão de Ben Zvi⁶⁰, mesmo que se considere o argumento no qual se admite que os Doze livros proféticos ou seus precursores haviam sido produzidos na forma de um único rolo desde o período Aquemênida ou mesmo no início, isso não significa que eles teriam sido (re)lidos como uma unidade literária unificada. Em outras palavras, um rolo não expressa necessariamente uma única unidade literária que foi, e tem sido, (re)lido como tal⁶¹. Para ilustrar tal afirmação, o Pesharim de Qumran sustenta um exemplo óbvio da antiga comunidade, que tinha consciência do fato de que os 12 livros proféticos foram escritos em um rolo, mas

⁵⁹ Cf. JONES, B. A. *The Formation of The Book of The Twelve*, pp. 11-12

⁶⁰ Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophetic Books or “The Twelve”, p. 131.

⁶¹ Significativamente, o fato de que alguns livros foram escritos em diferentes rolos não rejeita a possibilidade de que eles foram (re)lidos como pertencentes a uma coleção de textos relacionados (cf. o Pentateuco ou mesmo a chamada História Primária (que é Gn-2 Rs). Em outras palavras, não se pode reconstruir antigas estratégias de leituras apenas - ou principalmente - na base do critério de um rolo X muitos rolos. Cf. toda a discussão sobre quais livros podem ser incluídos em um rolo na literatura rabínica,- por exemplo, Soferim 3.

ainda considerados trabalhos separados⁶². Além disso, cada um dos livros dos Profetas Menores possui – excetuando o livro de Jonas – um título próprio que pode ser comparado com o livro de Isaías ou de Jeremias.

Dessa maneira, os testemunhos citados acima podem indicar apenas que esses livros foram vistos como uma unidade escrita, nada mais do que isto⁶³. Apesar da unidade deste Corpus obter cada vez mais o sufrágio e o sustento dos críticos, a resposta de Ben Zvi⁶⁴ para a questão de um único livro pode ser parafraseada como segue: “one long, self-contained scroll, yes; one grand, unified, literary Corpus, no”. Ele ainda faz algumas observações: O livro dos Doze, nem no TM ou na LXX, ou em qualquer outra ordem, pode ser lido como uma unidade, se se escolhe tal estratégia de leitura. Mas, dessas observações óbvias, não se pode dizer que o antigo judeu ou israelita da unidade de escritores e (re)leitores responsáveis pela literatura profética presente na Bíblia Hebraica, atualmente, seguiu essa estratégia. Certamente, não confirma esta observação que os Doze livros proféticos foram intencionalmente escritos ou editados a fim de transferir um sentido de unidade fechada entre eles, que os coloca à parte como uma unidade de outros livros proféticos, a saber, Isaías, Jeremias e Ezequiel. Para este autor o livro dos Doze é uma coleção de livros individuais com arranjos variados em lugar de um único trabalho de forma definitiva.

É preciso notar ainda que este estudo sobre a unidade dos Doze se faz objeto de vários “status quaestionis” recentes que são muito completos e elaborados por B. A. Jones⁶⁵ (de Budde em 1922 à Nogalski em 1993) e D. Scaiola⁶⁶ (de

⁶² Ver especialmente 1QpHab e 4Qp Nah; M. H. Horgan, *Pesharim: Qumranic Interpretations of Biblical Books* (CBQ MS 8; Washington, DC: The Catholic Biblical Association of America 1979). De fato, Peshar Habacuc parece sugerir uma abordagem exegética que focaliza nas unidades marcadas textualmente, mesmo se elas estão abaixo da camada do “livro” e inútil dizer do rolo, por ele não conter referências para a oração de Habacuc (isto é, Hab 3). A asserção de Jones de que a “unidade dos Doze” é menosprezada na literatura Qumran, a despeito de sua admissão de que não há referência específica nesta literatura para a existência dos Doze como uma coleção unificada, é fortemente colorido pelas suas suposições concernentes aos 12 e uma suposição insinuada de que um rolo deve significar um livro – veja JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, pp. 9-10.

⁶² O texto em B. Bat 13b é geralmente mencionado como um argumento que mantém a suposição de que os 12 livros proféticos foram considerados para serem uma unidade literária no tempo Talmúdico (por exemplo, Jones, B. A. *The Formation of the Book of the Twelve*, 3.

⁶³ Tais práticas dos escribas podem presumir, mas não declaram explicitamente que esses livros foram vistos como uma única entidade literária. Os rolos, eles mesmos, não preservam qualquer título à parte daquelas subscrições canônicas individuais. Cf. PETERSEN, D., “A Book of the Twelve?”, p. 4.

⁶⁴ Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophets”, p. 130.

⁶⁵ Cf. JONES, B. A. *The Formation of The Book of The Twelve*, pp. 14-42.

Bosshard em 1987 à Schart em 1998). Estes autores relacionam algumas indicações para o estudo dos Profetas Menores, que serão aqui considerados como ponto de partida. Também será levado em conta um artigo de Ben Zvi⁶⁷ que oferece um levantamento da pesquisa recente, com especial atenção aos estudos de Schart.

Vários comentários dão à pesquisa atual um novo enfoque sobre a unidade do livro dos Doze. O nosso trabalho será, então, apresentar as opiniões dos diversos autores que discorrem sobre tal assunto, com as devidas avaliações sobre essas considerações; e opinar sobre a evidência ou não da existência de um único livro dos Doze. Um estudo mais detalhado e centrado exclusivamente sobre o lugar de Miquéias no conjunto dos Doze será proposto no próximo capítulo.

2.5

Status quaestionis sobre a unidade dos Doze – evolução da história da pesquisa dos Doze

O Livro de Miquéias está sendo estudado, nos dias de hoje, em sua relação com os outros “pequenos profetas”, o que decorre do fato de que, nas últimas décadas, tem sido imposta na pesquisa veterotestamentária a pergunta se esses doze escritos são independentes ou se formam um único livro⁶⁸. A resposta a esta questão tem conseqüências hermenêuticas, na medida em que sua concretização

⁶⁶ Cf. D. SCAIOLA, “Il Libro dei Dodici Profeti Minori nell’esegesi contemporânea. Status Quaestionis”, *Rivista Biblica* 48 (2000) 319-334.

⁶⁷ Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophetic Books or “The Twelve”: A Few Preliminary Considerations”. in J. W. Watts – P. R. House, *Forming Prophetic Literature*, JSOT 235: Sheffield, 1996, pp. 125- 156. E. Ben Zvi representa, na exegese moderna, a tendência minoritária que é reticente a reconhecer a unidade dos Doze.

⁶⁸ Existe hoje uma coletânea de artigos a respeito da problemática da unidade dos Doze Profetas. Cf. NOGALSKI, D. & SWEENEY, M. A., *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, SBL 15, Atlanta, 2000. Ver também os trabalhos de: SCHNEIDER, D. A., *The Unity of the Book of the Twelve*, Ph. D. Yale University, 1979; LEE, A. Y., *The Canonical Unity of the Scroll of Minor Prophets*, Ph. D. Baylor University, 1985; BOSSHARD, E., “Beobachtungen zum Zwölfprophetenbuch”, in *BN* 40 (1987) 30-62; HOUSE, P. R., *The unity of the Book of the Twelve*, JSOTSup 97, Sheffield, 1990; BOSSHARD, E. & KRATZ, R. G., “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, in *BN* 52 (1990) 27-46; NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve*, BZAW 217, Berlin- New York, 1993; NOGALSKI, J., *Redactional Processes in the Book of the Twelve*, BZAW 218, Berlin- New York, 1993; JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve. A Study in Text and Canon*, SBLDS 149, Atlanta, 1995; WATTS, J. W., & HOUSE, P. R., (éd) *Forming Prophetic Literature: Essays on Isaiah and the Twelve in Honour of John D. W. Watts*, JSOTSup 235, Sheffield, 1996; REDDIT, P. L., “The Production and Reading of the Book of the Twelve” in *SBL.SP* 36 (1997) 394-419; SCHAT, A., *Die Entstehung des Zwölfprophetenbuches. Neubearbeitungen von Amos im Rahmen schriftenübergreifender Redaktionsprozesse*, BZAW 260, Berlin – New York, 1998; SCHAT, A., “Redactional Models: Comparisons, Contrast, Agreements, Disagreements”, in *SBL. SP* 37 (1998) 893-908.

exigirá, ou não, que cada um dos escritos, no caso concreto- Miquéias –, seja lido não por si, mas como parte de um todo, o assim chamado “livro dos Doze Profetas”.

Para situarmos a presente pesquisa, apresentaremos em primeiro lugar o *status quaestionis* sobre a unidade dos doze Profetas.

2.5.1 Status quaestionis sobre a unidade dos Doze – evolução histórica da pesquisa dos Doze

Atualmente, as expectativas em relação à leitura dos livros dos Doze Profetas Menores mudaram e permanecem em processo de mudança: os exegetas cada vez mais destacam a unidade deste Corpus profético e falam sobre “o livro dos Doze”. Até há pouco tempo havia escassos estudos que enfocavam a leitura de cada um desses livros proféticos como uma unidade literária. Entretanto, recentemente, houve um notável desenvolvimento nesse sentido, parece que os autores querem sugerir uma mudança de paradigma⁶⁹.

Nosso estudo não pretende somente apresentar a pesquisa dos diversos autores, mas também fazer perceber as suas acentuações, sua estrutura interna, seus ganhos, bem como as suas possíveis inconsistências. Para melhor avaliar as propostas das diferentes linhas de pesquisa, que defendem a unidade dos Doze livros proféticos, distinguimos basicamente duas grandes abordagens: o livro dos Doze, visto como uma composição redacional (composição esta que procura delinear a história das redações sucessivas do conjunto); e o livro dos Doze, visto como uma compilação literária (estudando, pois, como os livros se uniram uns com os outros até a forma com que os verificamos).

Pode-se observar que a maioria dos autores tem como preocupação destacar o desenvolvimento do livro dos Doze nas suas diferentes fases até atingir a sua forma final; para tal considerando-o em seu processo redacional, realizado por

⁶⁹ “If this claim is indeed accepted, then a substantial shift in the historical-critical study of prophetic literature will follow because much of the present research is focused on a literary Corpus that is conceptualized as including (at least) fifteen essentially separate prophetic books, each one with its distinctive compositional and/or redactional history and its particular messages.” Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophetic Books or ‘The Twelve’: A Few Preliminary Considerations”. In: HOUSE, P. R. & WATTS, J. W. (eds): *Forming Prophetic Literature: Essays on Isaiah and the Twelve in Honour of John D. W. Watts*. JSOT SS 235: Sheffield Academic Press, 1996, 125-156, p. 126.

editores diversos, responsáveis pela reelaboração dos escritos, criando novas estruturas, relações temáticas e verbais. Entre os autores que se encontram nesta linha de estudo da composição redacional destacamos: Schneider (1979); Bosshard (1987/1997); Kratz (1990); Steck (1991); Collins (1993); Nogalski (1993); Jones (1995); Redditt (1996); J. Jeremias (1996); Schart (1998). Estes estudiosos não excluem a atenção aos livros individuais ou mesmo às mensagens individuais dos profetas, mas propõem, além de uma leitura diacrônica, uma leitura globalizante de todo o conjunto, por vezes ligada à abordagem canônica dos livros. Em suas observações apontam para o processo complexo da formação do livro dos Doze, que julgam estender-se por um vasto período e atribuído a vários indivíduos. Alguns deles, D. A. Schneider (1979); E. Bosshard (1987/1997); J. Nogalski (1993); J. Jeremias (1995); B. A. Jones (1995); P. R. Redditt (1996) consideram ambos procedimentos, ou seja, enfocam tanto o aspecto da composição redacional quanto o aspecto da compilação literária.

Os autores que se preocupam com o estudo da compilação literária dos Doze Profetas, mostram de que maneira os materiais pré-existentes, já praticamente compostos, foram reorganizados na coleção, a fim de unir os livros num só volume, devido às afinidades literárias, temáticas e estruturais. Esta descrição inclui tanto os autores, que empregam o método do estudo literário quanto aqueles que enfocam a unidade canônica dos pequenos escritos. Entre os autores, que abordam essa perspectiva literária, apontamos J. Nogalski (1993), que levou os leitores a observarem, de forma singular, a presença de palavras-chave entre os livros dos Doze. Segundo ele, teriam sido conscientemente colocadas com o intuito de unir os escritos.⁷⁰ Outros críticos, tais como D. A. Schneider (1984), P. R. House (1990), A. Schart (1993), J. Jeremias (1995), P. L. Redditt (1996/2000), R. Rendtorff (1997), D. L. Petersen (2000)⁷¹, também postulam que as palavras-

⁷⁰ O interesse por este estudo já havia sido iniciado por F. Delitzsch, Cf. DELITZSCH, F., “Wann weissagte Obadja? *ZLThK* 12 (1851) 92-93; retomado mais tarde, por CASSUTO, U., “The Sequence and Arrangement of the Biblical Sections” (1947), in *Biblical and Oriental Studies*, Vol. 1, Jerusalem, 1973, pp. 5-6.

⁷¹ Cf. SCHNEIDER, D. A., *The Unity of the Book of the Twelve*; JONES, B. A. *The Formation of The Book of The Twelve*, NOGALSKI, J., *Literary Precursors; Redactional Process*, “Intertextuality and the Twelve” in WATTS, J. W. & HOUSE, P. R., *Forming Prophetic Literature*, pp. 102-124.

chave (*catchwords*) foram empregadas com a finalidade de unir os escritos, que seriam preteridos pelos redatores⁷².

2.5.2

O Livro dos Doze visto como uma composição redacional

A interpretação dos Doze se faz principalmente em função do processo de composição da redação, através do qual se deseja reconstruir a forma final da coleção profética. Os autores, que analisaram a unidade do livro dos Doze como uma composição redacional, consideraram principalmente o trabalho dos editores, que unificaram os escritos dos Profetas Menores, compondo numerosas inserções textuais, com a intenção de criar relações estruturais e temáticas entre os livros.

Entre os pioneiros desta pesquisa, é preciso citar H. Ewald (1898) e C. Steuernagel (1912), que procuraram explicar a formação dos Doze a partir dos títulos dados aos livros pelos editores⁷³. Esses autores chegaram a um acordo após o estudo das hipóteses levantadas, e procuraram reconstruir a coleção dos livros proféticos nos períodos pré-exílio e pós-exílio. H. Ewald afirmou, baseado nos títulos, que a constituição dos Doze livros realizou-se em três etapas: a primeira estaria situada no séc.VII, contendo as obras de Joel, Amós, Oséias, Miquéias, Naum e Sofonias. A segunda redação teria acontecido após o exílio e reuniria os livros de Abdias, Jonas, Habacuc, Ageu e Zacarias 1-8, ao mesmo tempo, que teria modificado a ordem da seqüência dos livros no *corpus* já constituído. A terceira etapa dataria dos últimos anos de Neemias e uniria os livros de Zacarias 9-14 e de Malaquias.

C. Steuernagel distingue sete etapas: no início teria existido, na época de Josias, um conjunto de livros que agruparia Oséias, Miquéias e Sofonias. Durante o exílio, teria sido acrescentado o livro de Amós. Em uma terceira etapa, teria

⁷² Todas as vezes que aparecer palavras-chave refere-se a *catchwords*.

⁷³ Cf. EWALD, H., *Die Propheten des Alten Bundes erklärt*, vol 1 (Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1868²) 74-82. STEUERNAGEL, C., *Lehrbuch der Einleitung in das Alten Testament*, (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1912) 669-672. No início do séc. XX, a ciência referente ao AT parece ter encontrado o seu apogeu: a crítica literária com tudo o que ela comporta de deduções. Esta crítica conduziu a grandes descobertas, e muitas vezes se mostrou exagerada e arbitrária, levando a uma fragmentação radical do texto sagrado. O volumoso *Manual de l'introduction à l'Ancien Testament, avec un appendice sur les Apocryphes et les Pseudépigraphe* de C. Steuernagel, em 1912, parece representar esta tendência. Van de Ploeg elenca outras obras importantes, nas quais se conclui que uma teologia do AT dominava as pesquisas bíblicas. Cf. J. VAN DER PLOEG, "Une théologie de L'Ancien Testament est-elle Possible?", *ETL* 38 (1962) 417- 434, 418.

havido a adição de Ageu e Zacarias 1-8, por volta do ano 500 a.C. A quarta etapa, antes de 300 a.C., conteria a composição primitiva de Naum (cap. 2-3); na quinta etapa, teria se dado a adição de Habacuc com o primeiro capítulo de Naum, em torno do ano 300 a.C.; pouco depois, viria a sexta etapa, com Zacarias 9-14. Enfim, a última camada viria unir Joel, Abdias e Jonas durante o séc. III a.C.

O primeiro estudo da questão da redação e da compilação da coletânea dos Doze foi publicado em 1921 por Karl Budde⁷⁴. Segundo o autor, teria existido no séc. IV a.C. um trabalho de redação sistemática reunindo o atual *corpus* dos Doze – que teria consistido essencialmente na eliminação das seções narrativas, aquelas que particularmente tratam da vida dos profetas – seções biográficas ou autobiográficas (discursos na primeira pessoa), para somente manter as palavras de YHWH. Assim, teria existido um processo editorial cujo objetivo seria fazer prevalecer somente a palavra de Deus e suprimir as palavras meramente humanas. Com este propósito, a redação produziu uma coleção dos materiais proféticos sagrados convenientes para serem aceitos e inseridos no *corpus* dos escritos sagrados. Tal redação tentaria amenizar os grupos precursores, como os dos Samaritanos e os dos Saduceus, que teriam apenas a Torah como autoridade. Na opinião desse autor, a redação, que possivelmente teria ocorrido ou no séc. IV ou no séc. III a.C., foi anterior à tradução grega dos Profetas Menores e à adição do livro de Jonas cuja narrativa é contrária ao objetivo da redação. Restaram ainda algumas passagens de “materiais biográficos” que se encontram nos textos de Os 1-3, Am 7,7-14, Mq 2,6-11, Jl 2, que Budde denominou “resíduos”. Assim, segundo ele, Jonas se uniu aos outros livros por último, visto seu caráter narrativo. Esta união ocorreu para que se formasse o número sagrado de Doze.

Subseqüentemente, a tese de Budde é aprofundada por R. E. Wolfe⁷⁵. Melhor que descrever o livro dos Doze como um resultado da supressão das tradições proféticas, como Budde sugeriu, Wolfe enfocou os livros como uma construção redacional, ou seja, o resultado de uma série de adições editoriais, distinguindo os livros individualmente, cada qual com suas características próprias. O autor também separou os materiais, classificando-os como

⁷⁴ Cf. BUDDE, K., “Eine folgenschwere Redaktion des Zwölfprophetenbuchs”, ZAW 39 (1921) 218-229. Este autor que viveu de 1850 à 1935, é um dos representantes mais ilustres da escola histórico-crítico, na linha de J. Wellhausen (1844-1918) e A. Kuenen (1828-1891).

⁷⁵ Cf. WOLFE, R. E., “The Editing of the Book of the Twelve”, ZAW 53 (1935) 90-129.

“autênticos” e “secundários”. Depois comparou os materiais “secundários” em similaridade de conteúdo, linguagem e contexto histórico. O resultado foi uma série de sucessivas edições, descritas em treze fases editoriais, datadas entre os anos 650 a 175 a.C., nas quais aquelas profecias, isoladas na coleção, foram reunidas em um único livro⁷⁶.

Ele propõe a seguinte explicação redacional para a composição dos Doze: os fragmentos até então considerados como comentários seriam adendos não a livros isolados, mas ao conjunto como um todo. O autor fala explicitamente do livro dos Doze, no singular. Ele descreve as diferentes etapas que conduziram à constituição do livro, em uma estrutura tripartida de grandes coletâneas: o acervo básico pré-exílio ter-se-ia iniciado com um editor judeu do livro de Oséias, em torno de 650 a.C., e terminado com os escribas, entre os anos 200 a 175 a.C., os quais teriam feito pequenas mudanças que resultariam nas diferenças entre os textos do TM e a versão LXX⁷⁷. Na sua maneira de narrar a formação dos livros, no período pré-exílio, o livro de Oséias e de Amós ter-se-iam unido, formando um conjunto de dois, posteriormente ampliado, durante o exílio, com Miquéias, Naum, Habacuc e Sofonias, formando uma coleção de seis livros. Mais tarde, por volta do ano 300 a.C., teria havido o acréscimo de Joel, Jonas e Abdias, formando um conjunto de nove livros e, finalmente, os Doze com Ageu, Zacarias 1-8, Malaquias e Zacarias 9-11 e 12-14.

⁷⁶ Eis os treze estratos editoriais: 1) Iniciou com um editor judeu do livro de Oséias (em torno de 650); 2) um editor que se opôs aos lugares altos (entre 621 e 586), re-trabalhou as profecias de Oséias e Amós na linha da reforma de Josias; 3) No final do exílio ocorreu a união da coleção dos seis livros: Oséias, Amós, Miquéias, Naum, Habacuc e Sofonias (540-500); 4) Um acréscimo de um editor, que particularmente se opunha aos povos vizinhos de Israel (500-450); 5) O tema do messianismo (520-445), no qual se vê nuances em Isaías, Miquéias, Ageu, Zacarias (cf. Is 9,1-6; 11,1-9; Zc 9,9-10; Mq 5,1.2b-3; 7,11-12); 6) Os editores da escola nacionalista (entre os anos 360-300); 7) O teológico tema “Dia de YHWH” que Budde situa após Joel (por volta de 325); 8) Os escatologistas (entre 310 e 300), caracterizados pelo uso freqüente da fórmula “nestes dias” ou “naqueles dias”. Segundo o autor, eles teriam unido, junto à coleção dos seis, os livros de Joel, Abdias e Jonas, dando lugar a um livro novo; 9) O doxologista que os uniu se distingue bem claramente em Amós (cf. 4,13; 5,8-9; 9,5-6); 10) Um editor anti-idolátrico cujas adições se encontram em vários livros, mas sobretudo em Oséias, onde ele ataca o bezerro de Samaria (Os 8,5.6; 10,5-6 a; 13,2; 10,10); 11) O editor salmista (entre 275 e 250), que trabalha sobre o livro dos nove, unindo aqui e lá alguns pedaços hínicos ou de Salmos inteiros; 12) Intervenção dos primeiros escribas, redatores do Pentateuco e editores dos Doze, com Malaquias 3,22-24 como conclusão. O trabalho destes escribas é colocar, antes, o Sirácida, e, então, pensa Wolfe, antes de 200 a.C., mais precisamente entre 250 e 226; 13) Enfim, os escribas das escolas mais tardias contribuíram com algumas modificações, refletidas nas diferenças entre os textos da TM e da LXX, para a canonização dos Doze entre 200 e 175.

⁷⁷ A aceitação do livro dos Doze como canônico, datado por Wolfe aproximadamente no ano 200 a.C., evitou quaisquer outras emendas para o que seria um texto santo. Cf. JONES, B. A., *The Formation of The Book of The Twelve*, p. 17.

Oséias e Amós, como o acervo básico, acrescidos do livro de Miquéias, visam, principalmente, a Israel e Judá. Em seguida, o livro de Abdias, que prediz contra a destruição de Edom; o livro de Jonas, cuja pregação favorável a Nínive é anulada por Naum e Habacuc, que objetivam a destruição dos assírios e dos babilônios. Os livros de Joel e de Sofonias contêm oráculos contra as nações – estes dois profetas do “Dia de YHWH”⁷⁸, fazem a transição entre a primeira e a terceira seção, que é composta pelos livros de Ageu, Zacarias e Malaquias, os quais propõem claramente uma perspectiva de restauração.

A pesquisa na perspectiva da crítica redacional da unidade dos Doze tornou-se menos importante nas décadas seguintes da dissertação de Wolfe⁷⁹. Porém, estudos recentes, têm novamente tomado a questão da história da redação do TM do Livro dos Doze. Esta questão, agora renovada com o emprego de uma metodologia mais sofisticada, tem realizado melhor descrição da história editorial dos textos do que os estudos anteriores. Tal metodologia refere-se à história do texto como um documento escrito, desde a sua primeira camada composicional

⁷⁸ Esta notável camada descrita por Wolfe do “Dia de YHWH” contém as seguintes passagens: Am 4,12b; 5,13.18c.20; Ab 1,15a; Jl 1,15; 2,1d-2b.10-11; 3,1-5; 4,1-3.12.14-17; Sf 1,7-8a.14-16.18c; 2,1-3; 3,8b-e. Isso significa que quase todas as passagens que contêm a frase “Dia de YHWH” pertencem a essa camada. Cf. WOLFE, R. E., “The Editing of the Book of the Twelve”, p. 103.

⁷⁹ Schneider pensa de modo similar a Wolfe; argumenta em favor de quatro etapas: a base da coleção dos Doze foram os livros de Oséias, Amós e Miquéias, profetas do tempo de Ezequias. No tempo da reforma de Josias, Naum, Habacuc e Sofonias foram adicionados à primeira coleção, durante o período exílico. Joel (que foi escrito no período pré-exílio), Abdias e Jonas, sendo que Abdias foi adicionado ao final de Amós como um fim adequado para este, e Joel; Jonas foi colocado na frente da coleção sobre a Assíria, e finalmente no tempo de Neemias, Ageu, Zacarias e Malaquias foram adicionados. Cf. SCHNEIDER, D. A., “*The Unity of the Book of the Twelve*”, pp. 154-162. Já Nogalski atribui uma atividade redacional mais extensa para o acréscimo do livro de Joel. Havia uma coleção já existente do “*corpus* deuteronomista” (Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias) que foi combinado com Naum, Habacuc, Ageu e Zacarias 1-8, Joel e Malaquias. Somente mais tarde, Jonas e Zacarias 9-14 entraram na coleção. Cf. NOGALSKI, J. D., “*Literary Precursors to the Book of the Twelve*”, pp. 276-282 e “*Redactional Process in the Book of the Twelve*”, pp. 274-280. Scharf assume mais um passo neste processo de desenvolvimento do livro dos Doze. No início, havia uma primeira combinação de Oséias e Amós, e nos passos seguintes, ele concorda com Nogalski - deve ter havido um *corpus* deuteronomista (Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias) no qual foram inseridos os livros de Naum e Habacuc. Mais tarde, Ageu e Zacarias 1-8 foram introduzidos. Subseqüentemente Joel, Abdias e Zacarias 9-14 foram adicionados. Finalmente, Jonas, como uma narrativa satírica, e Malaquias completaram o *corpus* profético. Cf. SCHARF, A., “*Die Entstehung des Zwölfprophetenbuchs*”. Neubearbeitungen von Amos im Rahmen schriftübergreifender Redaktionsprozesse. BZAW 260, Berlin / New York: de Gruyter, 1998, pp. 304-306.

até sua última glosa textual. Esse trabalho seria realizado mediante uma análise crítico-literária das várias camadas da composição do texto⁸⁰.

A descrição desenvolvida por P. Weimar⁸¹ da história da redação do livro de Abdias representa essa nova tentativa de explicar o trabalho redacional do livro dos Doze. O autor identifica nesse livro seis camadas de composição redacional. Ao comparar as últimas camadas redacionais com a linguagem supostamente secundária encontrada no livro dos Doze, ele sugere que a composição da forma final do livro de Abdias teria sido conectada com o contexto maior do livro dos Doze. Esta afirmação se baseia nas referências verbais cruzadas com outros textos redacionais inseridos no *corpus* profético.

Baseando-se nessa abordagem realizada por Weimar, E. Bosshard⁸², em suas observações sobre o livro dos Doze, publicadas em 1987, comparou-se a estrutura dos Doze com o livro de Isaías no TM, como uma base para entender a formação do *corpus* profético como um todo⁸³. Em suas observações, o autor notou um íntimo paralelismo no conteúdo e na estrutura desses livros, identificando três textos significativos dos Doze a formar um elo com Isaías – Jl 1,15; 2,1-11; Ab 5-6, 15-16 e Sf 2,13-15 e 3,14-18. Com base na forma *Stichwörter* (palavras importantes) presente nesses textos, o autor conclui que elas tinham o objetivo de unificar o livro dos Doze de modo a refletir a estrutura paralela de Isaías. Em particular, o início de Isaías (1,1) e de Oséias (1,1 - o primeiro dos Doze) e o fim de Isaías (66,18) e de Zacarias (14,66 - o último profeta antes do acréscimo de Malaquias e Jonas) são estreitamente paralelos. Os redatores não teriam elaborado uma organização nova para os Doze, mas teriam ordenado e estruturado o material textual já existente através de uma simples

⁸⁰ Na avaliação de Jones, esta metodologia foi primeiramente utilizada por H. Barth e O. Steck. Cf. BARTH, H. e STECK, O., *Exegese des Alten Testaments*, 4th edition, Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1973. Apud in JONES, B. A. *The Formation of The Book of The Twelve*, 19.

⁸¹ Cf. WEIMAR, P., *Obadja: Eine redaktionskritische Analyse*, *BN* 27 (1985) 35-99, pp. 94-99

⁸² Cf. BOSSHARD, E., *Beobachtungen zum Zwölfprophetenbuch*, *BN* 40 (1987) 30-62.

⁸³ Além de Bosshard afirmar que há em ambos os mesmos processos redacionais: ver também, CONRAD, E. W., “The End of Prophecy and the Appearance of Angels/Messengers in The Book of the Twelve”, *JSOT* 73 (1997) 65-79; STECK, O. H. *The Prophetic Books and their Theological Witness*, Chalice Press, St. Louis, Missouri, 2000; COLLINS, T., “The Scroll of the Twelve”, In *The Mantle of Elijah: The Redaction Criticism of the Prophetic Books*, The Biblical Seminar 29, Sheffield: JSOT Press, 1993. Todavia, em 1790, Johann Gottfried Eichhrn em seu estudo *Einleitung ins Alte Testament*. Zweite vermehrte und verbesserte Ausgabe Reutlingen, apresentava um paralelo na história da redação do livro de Isaías e os escritos dos Doze Profetas Menores. Isso quer dizer, que a hipótese desses pequenos escritos relacionados com o livro de Isaías é bem mais

adaptação redacional, de modo a criar uma estreita ligação com o livro de Isaías. Todavia, Bosshard reconhece alguns elementos que não entram neste paralelismo: trata-se da seção de Is 36-39, a teologia de Deutero-Isaías, o opúsculo de Jonas, a seção de Zc 9-14 e o livro de Malaquias. Na sua análise, os livros de Jonas e Malaquias não constam neste paralelo porque pertencem a uma camada redacional tardia, ou seja, representam uma expansão redacional subsequente, que moldou as fases finais do livro dos Doze. Ao considerar os paralelos entre o livro de Isaías e o livro dos Doze, Bosshard pensa que é o livro dos Doze que segue o vocabulário e os motivos de Isaías, e que os textos de Isaías dos quais dependem as passagens paralelas dos Doze possuem a mesma história editorial⁸⁴. Daí a hipótese de que o livro de Isaías e o livro dos Doze teriam recebido a sua redação final de um mesmo círculo de escribas.

Mais tarde, Bosshard e R. G. Kratz⁸⁵ propuseram um conjunto de reflexões sobre o lugar do livro de Malaquias no livro dos Doze. Os autores partiram da hipótese da existência de três estratos de textos utilizados na composição de Malaquias, que denominaram Malaquias I, II e III, indicando as referências desses textos entre si, bem como a outros textos bíblicos, particularmente do Livro dos Doze Profetas. Malaquias I (MI 1,6-2,9 [sem 1,14] e 3,6-12) é o estrato básico ou originário e apresenta-se como uma continuação, atualizada literária e contextualmente, de Oséias 11-13, de Ageu e de Zacarias 1-8. Tal obra seria de um autor que conhecia uma coleção constituída dos livros de Oséias, Amós, Miquéias, Naum, Habacuc, Ageu e Zacarias 1-8. Os estratos II e III nascem de correção e reescrita. O horizonte literário de Malaquias II (2,17-3,5; 3,13-21) teria ampliado o de Malaquias I e abarcado também Zacarias 1-8.

Correspondentemente ao que acontece com Malaquias I, Malaquias II apresenta igualmente referências cruzadas a Zacarias 9-14. Assim, através de sua posição, estrutura e referências cruzadas, Malaquias II conecta-se intimamente

antiga! Esse autor também já usava o conceito de “antologia” para descrever o livro dos Doze como um todo.

⁸⁴ O autor discute que Is 1-39 é produto de duas camadas redacionais parecidas com as que formam o livro dos Doze, isto é, uma camada assírio-babilônica que se desenvolveu no séc. VIII refletindo sobre a destruição de Jerusalém em 587 a.C., e uma camada babilônica composta no último período do séc. VI como uma reflexão da presença do rei Ciro da Pérsia e seu significado. Esses fatos sustentam a base para a reconstrução das fases do desenvolvimento do *corpus profético*, do séc. VIII ao final do séc. IV a.C.

⁸⁵ Cf. BOSSHARD, E., & KRATZ, R. G., “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, *BN* 52 (1990) 27-46.

com o escopo dos textos anteriores e o interpreta de uma maneira factualmente nova. A terceira e última redação do livro seria responsável por unir os textos conclusivos (Malaquias III – 1,1.14a; 2,10-12 e 3,22-24). Esse estrato parece querer estruturar Malaquias I + II de uma nova maneira, na medida em que relaciona com o povo aquilo, que antes era válido apenas para os sacerdotes; e na medida em que fala claramente de uma continuidade em todo Israel, para quem prevê e a quem previne que a possibilidade de unificação de todos, antes do julgamento, deve permanecer aberta. A inclusão estaria em sintonia com a função redacional de 3,22-24, por meio da qual se assinala não apenas o final do livro de Malaquias e do Livro dos Doze Profetas, mas ainda se fornece uma observação conclusiva a toda a parte canônica dos “Nebiiim” e uma referência à “Torah”. Uma vez que não temos mais profetas com as mesmas atribuições daqueles que viveram no passado, temos a Lei. Neste texto final dos livros proféticos se reúnem Moisés e Elias, a lei e a profecia. A missão do profeta é a reconciliação antes do dia da vinda do Senhor. Os autores concluem que o último livro do *Dodekapropheton* nem sempre foi um livro independente, mas sim um texto burilado e revisado redacionalmente em diferentes níveis e à luz de diversos horizontes, até atingir sua forma final.

Dando continuidade ao trabalho de Bosshard e Kratz, O. Steck⁸⁶ tentou descrever o último estágio redacional da formação do cânon profético. A sua abordagem direciona-se à investigação histórica do desenvolvimento do livro e da transmissão profética até o seu processo de formação final. Dessa forma, o autor examina a inter-relação entre a história da composição do livro dos Doze e sua formação paralela com o livro de Isaías. O autor sugere que Is 1-39 é produto de duas camadas redacionais que são semelhantes às que formaram o livro dos Doze, isto é, uma camada assírio-babilônica que se desenvolveu desde o séc. VIII, refletindo a destruição de Jerusalém em 587 a.C., e uma camada Babilônica, composta no final do séc. VI, que reflete sobre Ciro, rei da Pérsia, o conquistador da Babilônia em 539 a.C.⁸⁷

⁸⁶ Cf. STECK, O. *Der Abschluss der Prophetie im Alten Testament. Ein Versuch zur Frage der Vorgeschichte des Kanons*. Biblisch-Theologische Studien, 17 Neukirchen: Neukirchener, Verlag, 1991. Para um resumo deste livro, conferir REDDITT, P. L. “Zechariah 9-14, Malachi, and the Redaction of the Book of the Twelve”, in *Forming Prophetic Literature*, p. 248.

⁸⁷ Gowan oferece como chave de leitura para os livros proféticos três momentos-chave da história israelita: a queda de Samaria em 722; a destruição de Jerusalém em 587; e a restauração do povo

Steck aponta como poderiam ser discernidas as camadas redacionais: os escritos de Is 1-34.36-39.40-55.60-62 e o livro dos Doze, com exceção de Zc 9-14, já teriam existido no período Persa. As últimas adições do livro de Isaías e os últimos materiais dos Doze (Zc 9-14) comportam as mesmas perspectivas teológicas e históricas e pertenceriam a uma época posterior. Após a vinda de Alexandre, o Grande, Zc 9,1-10,2 teria sido inserido entre Zc 8 e Ml 1. Depois, entre os anos 320 e 315 a.C., Zc 10,3-11,3 teria sido unido com as adições aos livros de Joel (4,16), Abdias (vv.15-21) e Sofonias (3,8.14-19). Por volta dos anos 311 a 302 a.C., data em que Steck situa as últimas adições a Isaías, os textos de Zc 11,4-13,9 foram unidos, seguidos de Zc 14 entre os anos 240-220 a.C. O livro dos Doze receberia sua forma atual antes de Sirácida, entre os anos 220-201 a.C., no momento em que vieram se unir as subscrições de Zc 9,1 e 12,1, assim como os textos de Ml 2,10-12; 3,22-24.

Steck⁸⁸ privilegia o modo de ler os livros proféticos como um todo, enfatizando particularmente a maneira como os redatores apresentam a ação de Deus na história. O foco deste autor está claramente no processo redacional final, visto como uma unidade. Na sua opinião, pelo menos na compilação final dos Doze, os livros já não podiam ser lidos separados, mas como uma composição redacional. Em seguida, o autor explora os componentes teológicos do trabalho de seus redatores, procurando o significado para o presente. Assim, os leitores deveriam processar os livros proféticos seqüencialmente, na tentativa de descobrir a intenção planejada do livro, e, ao mesmo tempo, seguindo as instruções da leitura colocada pela mão do redator final, como o caminho histórico contínuo do povo de Deus. Dessa forma, o leitor torna-se consciente do mundo particular do povo de Deus. Essa visão apresenta o propósito da experiência de uma história que aponta para os limites da humanidade, na perspectiva de um Deus que encoraja os leitores a observarem a sua própria história.

de Deus com o Edito de Ciro em 538 a.C. O autor estrutura o seu livro ao redor desse paradigma histórico, sistematizando temática e cronologicamente o material bíblico. Na sua opinião, nenhuma reflexão teológica pode ter sucesso se não levar em conta tais momentos. Cf. GOWAN, D., *Theology of the Prophetic Books, The Death & Resurrection of Israel*, Louisville, KY: Westminster John Knox, 1998, p. 9.

⁸⁸ Cf. STECK, O. H. *Die Prophetenbücher und ihr Theologisches Zeugnis: Wege der Nachfrage und Fährten zur Antwort*, translated by NOGALSKI, J., *The Prophetic Books and their Theological Witness*” St Louis, Missouri: Chalice Press, 2000, pp. 3-16.

T. Collins⁸⁹ propõe um modelo mais elaborado sobre o processo de formação dos livros proféticos, considerando-os não simples textos, mas um complexo único articulado internamente. O autor elabora algumas etapas redacionais na formação do livro dos Doze: uma composição exílica, que combinou Oséias, Amós (incluindo o cap. 9); Miquéias (incluindo os caps. 4-5); Naum, Sofonias e Abdias na Babilônia; uma redação pós-exílico incitada pela reconstrução do Templo e que adicionou Ageu, Zacarias 1-8 e, talvez, Jonas e Joel; e a última etapa, com acréscimos a Sofonias (3,9-20), Habacuc, Malaquias. Este autor supõe que Oséias e Amós devem ter sido unidos antes do primeiro estágio e que Habacuc provavelmente teve uma prévia história redacional. Considera ainda que a formação inicial dos primeiros escritos teria sido realizada junto à comunidade judaica da Babilônia entre os anos 587-538 a.C. Após o retorno do exílio, tornou-se necessário preparar uma revisão desses escritos que foi realizada em paralelo com o livro de Isaías. Reflete-se nela o interesse pelas relações com as outras nações, que está compreendida na perspectiva da experiência da diáspora. Esse trabalho revisional pode vir datado em torno de 520-515 a.C., e identificado como um livro muito próximo do atual, mediante o acréscimo de Ageu, Zacarias 1-8 e, talvez, Jonas e Joel.

Com a finalização do Templo em 520 a.C., uma nova era, que mudava continuamente – seja no sentido religioso seja no político – era inaugurada. A apatia religiosa de alguns diante do fervor de outros conferiu ao livro dos Doze pensamentos escatológicos muito próximos do livro de Isaías. O resultado foi uma revisão ulterior, que incluiu os escritos de Habacuc, Malaquias e alguns acréscimos a Sofonias. No final do longo processo, os Doze Profetas ter-se-iam apresentado como um livro construído de modo semelhante a Is 1-66 quanto às técnicas de composição e aos elementos fundamentais da temática.

A continuidade entre as seções é mantida pela recorrência de temas e expressões verbais, que ocorrem, sobretudo no início e no fim das seções dos diferentes livros. Entre os temas identificados pelo autor, os principais são: a aliança e a eleição; a fidelidade e a infidelidade; a fertilidade e a infertilidade; o pecado e a conversão; a justiça de Deus e a sua misericórdia; a soberania divina;

⁸⁹ Cf. COLLINS, T., “The Scroll of the Twelve”, pp. 59-64.

assim como o lugar de sua morada (o Templo, o monte Sião), as nações na qualidade de inimigas e as nações como aliadas.

Cada profeta une seu tema a todos os outros temas, ora em acordo, ora em desacordo uns com os outros. Collins julga encontrar a unidade global, que pode dar sentido a todos os diferentes aspectos: essas passagens podem ser ilustradas no enfoque do Templo. Oséias acusa o reino Norte de adorar o bezerro de ouro no Templo; Joel marca claramente que é no Templo em Jerusalém que ocorre a verdadeira adoração a YHWH e chama ao arrependimento. Em Mq 3,12, o Templo é condenado e, imediatamente, em Mq 4,1-4, é visto mais uma vez como o centro do mundo para o qual todas as nações virão espontaneamente a fim de aceitar a Torah como o caminho da paz universal. O texto de Sf 3,9-20 também explora esse tópico. O Monte Sião deve estar limpo para servir a sua responsabilidade escatológica e ser a casa da comunidade santa. Esse pensamento vai em direção aos escritos de Ageu, Zacarias e Malaquias, especialmente Zc 8, que outrora formara o fim da coleção (comparar Zc 8,3 com Sf 3,11.15). Malaquias então reconhece que o futuro glorioso prometido a Sião é ainda impedido pelo comportamento dos sacerdotes no Templo, que não fazem por merecer o lugar verdadeiro onde o nome de Deus deve ser honrado. É interessante a observação de Ml 1,6-7, que faz uso da metáfora do pai que ama o seu filho, recordando o comportamento de YHWH em relação a Israel, do qual se fala no início do livro dos Doze, em Os 11,1-2, de modo a concluir significativamente o livro dos Doze⁹⁰.

Jones⁹¹ avança em uma reconstrução diferente da ordem original dos Doze e de suas subseqüentes trocas. O autor formula a sua hipótese sobre a formação dos Doze mediante as evidências dos manuscritos antigos. De acordo com ele, pelo menos dois estágios de compilação podem ser reconstruídos com alto grau de probabilidade. Primeiro, os “onze livros”: todos, menos o livro de Jonas, que completaria a coleção dos Doze. Segundo, as evidências textuais e literárias sugerem que os livros de Joel e Abdias teriam sido adicionados a uma coleção pré-existente de “nove livros” composta dos livros de Oséias, Amós, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Desse modo, pode-se dizer que existiu no início um livro dos “nove” que compõem os Doze atuais

⁹⁰ Cf. COLLINS, T., “The Scroll of the Twelve”, p. 81.

menos os três livros de Joel, Abdias e Jonas, mas já incluindo o texto de Zc 9-14. Uma segunda edição teria inserido Joel e Abdias, no lugar que eles ocupam na ordem LXX, dando lugar a um livro dos “onze”. Em seguida, foi unido o livro de Jonas após Malaquias – assim como indica 4QXII^a – com um comentário retrospectivo sobre a literatura profética à luz do atraso observado pelo castigo prometido às nações. Enfim, logo que seu caráter profético foi reconhecido, Jonas teria sido colocado no *corpus* profético para concluir o livro dos Doze.

Esta hipótese de Jones – a existência inicial de um livro dos “nove” – ancora-se no fato de que a seqüência destes livros não foi trocada nos manuscritos da LXX e na tradição textual do TM. Além disso, há um alto grau de unidade literária atestada dentro das três ordens arranjadas dos subgrupos de Oséias-Amós-Miquéias, Naum-Habacuc-Sofonias e Ageu-Zacarias-Malaquias⁹². Jones ainda observa que a informação cronológica dentro dos três subgrupos de profetas no livro dos “nove” coloca uma moldura das mais importantes, similar à cronológica que une os três maiores Livros Proféticos: Isaías, Jeremias e Ezequiel⁹³.

J. Jeremias⁹⁴, ao investigar os precursores desse *corpus* profético, nota que certamente pode-se argumentar que os escritos de Oséias e Amós outrora formaram uma única composição⁹⁵. Alguns textos de Oséias captam a linguagem de Amós: a segunda metade de Os 4,15 (ameaça Israel e manda evitar os santuários do Norte) se assemelha a Am 4,4; 5,5 e 8,14. A frase de Os 8,14 está intimamente relacionada com Am 3,9-11 e 6,8 (crítica a Israel e a Judá por suas construções de cidades fortificadas). As passagens parecem distribuídas da forma mais adequada ao leitor de Judá, que estaria apto, possivelmente, a perceber as transgressões do reino de Israel (Norte) como algo que nunca poderia acontecer em Judá. O objetivo da adição redacional teria sido neutralizar aquelas reações.

⁹¹ Cf. JONES, *The Formation of the Book of the Twelve*, pp. 226-230.

⁹² O autor se apóia na unidade dos “nove” livros e na união destes três subgrupos de livros no extenso trabalho de Schneider, “*The Unity of the Book of the Twelve*” [Ph.D. dissertation, Yale University], 1979.

⁹³ Jones aponta que, embora as afinidades observadas por Freedman sejam baseadas sobre a forma final do livro dos Doze, seus argumentos são mais convincentes para o livro dos “nove”, excluindo os livros menos específicos cronologicamente de Joel, Abdias e Jonas. Cf. FREEDMAN, D. N., *The Unity of the Hebrew Bible*, Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1991, pp. 50-55.

⁹⁴ Cf. JEREMIAS, J. “Die Anfänge des Dodekapropheten: Hosea und Amos”, in *Hosea und Amos: Studien zu den Anfängen des Dodekapropheten*. Tübingen: Mohr, 1996, pp. 34-54.

⁹⁵ Esta era a hipótese de Wolfe: WOLFE, R. E., “The Editing of the Book of the Twelve”, pp. 91-93; cf. também SCHNEIDER, D. A., *The Unity of the Book of the Twelve*, p. 23.

Por outro lado, o livro de Amós mostra uma dependência muito maior em relação a Oséias: Am 3,2; 7,9; 2,8; 5,25; 6,8 e 1,5 utiliza vocabulário e tema típicos de Oséias. Quase todas estas passagens se localizam em pontos importantes na composição dos escritos de Amós. Isso significa que esses relacionamentos entre os dois profetas demonstram o desejo dos redatores de compor um livro dos dois profetas do Norte, compará-los e associá-los.

Em seguida, Jeremias enfoca os quatro livros que possuem uma introdução “*deuteronomista*” (Dtr): Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias. Como possuem uma redação coerente, o autor os constituiu “o livro dos Quatro”. Estes livros têm, na opinião do autor, uma articulação redacional que acentua as intenções positivas (salvação) de YHWH em relação ao “resto” (Os 2,18ss; Am 9,7-10.11-15; Mq 2,12s; 4-5. 7; Sf 3,9-19). Posteriormente, outros dois livros datados (Ageu e Zacarias) teriam formado um outro binário, numa sucessão cronológica. O livro de Jonas teria sido colocado na sua posição atual porque foi identificado com o personagem Jonas de 2 Rs 14,25. Malaquias vem após Ageu e Zacarias porque supõe a reconstrução do Templo, que ainda não estava realizada em Ageu-Zacarias. Joel e Abdias estão intercalados entre os profetas do séc. VII, provavelmente por causa das palavras-chave (*catchwords*) entre Oséias e Joel (Os 14,2-3 / Jl 2,12-14) e entre Amós e Abdias (Am 9,12 / Ab 17s.).

Schart⁹⁶ tem privilegiado a visão de que o mesmo redator seria responsável pela edição de ambos os escritos (Oséias e Amós) como uma simples composição. O autor acrescenta que eles teriam formado o primeiro núcleo profético da Bíblia, datado ainda do séc. VII. Todas as estruturas eram orientadas pela citação ou chamado a ouvir (Os 4,1; 5,1; Am 3,1; 4,1; 5,1). Nos dois escritos, o profeta primeiro se endereça aos israelitas (Os 4,1 e Am 3,1) e depois se dirige à casa de Israel (Os 5,1 e Am 5,1). Os escritos foram combinados a fim de convencer os leitores de que essas profecias de ameaça eram verdadeiramente as palavras de Deus. Schart comenta, ainda, que as cartas de Mari mostram que a autoridade – especialmente dos oráculos desfavoráveis – poderia ser intensificada, se um segundo oráculo, que era independentemente pronunciado por outro orador, confirmasse a mensagem do primeiro.

⁹⁶ Cf. SCHATZ, A., *Die Entstehung des Zwölfprophetenbuchs*, pp. 101-105

Pensando nas características que poderiam constituir um importante objetivo do texto final, e o que poderia ser examinado como inferior a elas, G. M. Tucker⁹⁷ privilegia os títulos. Do seu ponto de vista, parece sábio iniciar a reconstrução da história da redação com essas passagens, que a própria evidência mostra não terem sido criadas pelos profetas. Eles se referem à terceira pessoa e retrospectivamente à atividade do profeta e aos livros que contêm as palavras proféticas. O autor está interessado na articulação das evidências sustentadas pelos títulos, como elas se relacionam na compreensão do processo canônico.

Redditt⁹⁸ também se baseou no estudo dos títulos que, na sua opinião, organizaram os livros proféticos. Seguindo um outro autor, Rudolph⁹⁹, Redditt reconhece que no séc. VIII atuaram os profetas Oséias e Amós (ambos com os títulos referentes ao período tardio do reinado de Jeroboão II) e Miquéias, seguidos pelos profetas do séc. VII, Naum, Habacuc e Sofonias. Então, seguem os profetas pós-exílio, Ageu, Zacarias e Malaquias. Jonas foi datado segundo a citação de 2 Rs 14,25, no reinado de Jeroboão II, o mesmo rei mencionado nos títulos de Oséias e Amós, por isso, foi colocado após os mesmos, mas antes de Miquéias, datado durante os reinados subseqüentes dos reis Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá.

A explicação de Redditt¹⁰⁰ para os livros de Joel e Abdias, que se posicionam de maneira inconstante na moldura cronológica geral, é a de que teria havido uma tentativa em alternar os profetas de Israel e Judá – Oséias (Israel); Joel (Judá); Amós (Israel); Abdias (Judá); Jonas (Israel); Miquéias (Judá). No entanto, mesmo que tenha profetizado no Norte, Amós era originário de Judá. Além disso, Jonas veio do Norte, mas profetizou a Nínive. Redditt vai dizer que um interesse em Edom pode ter sido parte de um princípio alternativo entre os profetas do Norte e do Sul. Edom é mencionado em ambos os livros de Joel e Abdias, e então é citado novamente apenas em Amós e Malaquias. Edom é certamente importante nessa ordem, e é a melhor explicação para a seqüência Joel-Amós-Abdias. Amós 9,12, em particular, torna-se uma introdução adequada

⁹⁷ Cf. TUCKER, G. M. “Prophetic Superscriptions and the Growth of a Canon”, in *Canon and Authority. Essays in OT Religion ad Theology*. Edited by G. W. Coats & B. O. Long, Philadelphia: Fortress, 1997, p. 65.

⁹⁸ Cf. REDDITT, P., “The redaction of the Book of the Twelve”, pp. 261-262.

⁹⁹ Cf. RUDOLPH, *Haggai-Sacharja 1-8 Sacharja 9-14- Maleachi*, KAT 13,4, Gütersloh: Mohn, 1976, pp. 297-298

para o tema principal de Abdias. Aqui as temáticas paralelas são o princípio mais importante, não a ordem cronológica.

Ainda em relação ao estudo dos títulos, outros autores, tais como Freedman, Collins, Nogalski e Schart¹⁰¹, defendem que Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias já existiam como uma coleção separada. Os títulos desses quatro escritos seguem o mesmo tipo e, através dos nomes dos reis mencionados, eles nos transportam para o seguinte cenário: primeiro, Oséias e Amós profetizaram simultaneamente no reino Norte; depois Miquéias e Sofonias, ao mesmo tempo em Judá. Deliberadamente, os escritos de Oséias foram colocados na primeira posição, embora provavelmente o profeta histórico, Amós, tenha comunicado a seus oráculos primeiro do que a Oséias.

Nogalski¹⁰² chega à seguinte conclusão: os materiais básicos de Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias formavam um “*Corpus Deuteronomístico*”¹⁰³, que experimentou no período subsequente duas redações, que tinham como objetivo dar uma explicação à destruição de Jerusalém ocorrida em 587 a.C. Catástrofe que os jerusalemitanos identificam de bom grado ao “dia de YHWH”(cf. Lm 2,22). Oséias e Amós endereçados ao Reino Norte; e os de Miquéias e de Sofonias, a Judá e Jerusalém. Com isso, a dura mensagem de julgamento ou condenação da profecia pré-exílica foi aos poucos aumentada pelos textos que prometiam uma salvação de grandes dimensões (Os 2,18ss, Am 9,7-10.11-15; Mq 2,12-13; 4-5; 7; Sf 3,9-19). Dessa forma, Oséias alterna os oráculos de julgamento e de salvação para Israel; Amós pressupõe a infidelidade de Israel descrita por Oséias e anuncia o julgamento de Israel. Tal qual Oséias, Miquéias alterna igualmente os oráculos

¹⁰⁰ Cf. REDDITT, P., “The redaction of the Book of the Twelve”, p. 262.

¹⁰¹ Cf. FREEDMAN, D. N. “Headings in the Books of the Eight-Century Prophets”, *AUSS* 25 (1987) pp. 16-20; COLLINS, T., “The Scroll of the Twelve”, 62; NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve*, pp. 84-89; SCHAT, A., *Die Entstehung des Zwölfprophetenbuchs*, pp. 41-46.

¹⁰² Cf. NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve*, pp. 86-88.

¹⁰³ Há bastantes indícios de que, no caso dos títulos do “*Corpus Deuteronomístico*”, trata-se de uma hipótese sólida para a história da redação do Livro dos Doze Profetas. No entanto, Schart se surpreende que ele inclua na sua afirmação de que os primeiros escritos foram de uma escola deuteronomista também a passagem em forma de hino de Am 9, 5-6, na qual não se pode reconhecer quaisquer contatos com as representações preferenciais e o vocabulário deuteronomístico. Nogalski, contudo, admite igualmente: “This model requires a certain flexibility in the form of a willingness to ascribe more of this material to ‘Deuteronomistic’ influence than has heretofore been supposed.” Cf. SCHAT, A., resenha crítica das obras de NOGALSKI, J.: “Literary Precursors to the Book of the Twelve”. Berlin – New York: Walter de Gruyter 1993. BZAW 217. “Redactional Processes in the Book of the Twelve” Berlin – New York: Walter de Gruyter 1993. BZAW 218. [In: <http://www.uni-essen.de/Ev-Theologie/twelve/steck.htm>]

de julgamento e as passagens onde a esperança domina. Sofonias insiste sobre o julgamento, como a exemplo de Amós, mas sua mensagem é diretamente endereçada a Judá e Jerusalém.

Independentemente, logo após o retorno do exílio, surge um *corpus* compreendendo os escritos de Ageu e Zacarias (caps. 1-8). O tema central destes livros é a reconstrução do Templo. Um editor alimentado da tradição proto-cronista associa ao *Corpus Deuteronomico* pré-existente as edições que colocam em evidência as intenções positivas de YHWH para “um resto” (Os 2,18s; Am 9,7-10.11-15; Mq 2,12s; 4-5.7; Sf 3,3-19). São os livros de Miquéias e Sofonias que recebem mais edições, antes de sua incorporação em um *corpus* maior. No final do período pérsico, entre os anos 400 e 350 a.C., teria surgido um tipo de profecia tal como aquelas de Abdias e Joel. Em uma visão cósmica anunciam “o Dia de YHWH”, e reúnem as visões escatológicas sobre a história de Israel e seus inimigos, muitas vezes identificados como “gafanhotos”. Cabe a esse espírito profético unificar o *Corpus Deuteronomístico* com o *corpus* – Ageu-Zacarias. Outros materiais foram incorporados em sucessivos acréscimos, a saber: Naum, Habacuc, Abdias e Malaquias. Enfim, a conclusão do processo teria sido finalizado com as adições do deutero-Zacarias (Zc 9-14) à época de Alexandre o Grande, e em último lugar, o livro de Jonas¹⁰⁴.

2.5.3

Análise crítica das propostas apresentadas pelo viés da composição redacional

Em relação a Budde, quem primeiro apresentou o estudo da redação e compilação dos Doze, ressaltamos que o autor, embora tenha sido o pioneiro de um trabalho tão valioso, não foi claro na sua exposição dos materiais que foram supostamente eliminados do *corpus* profético. Budde, na sua análise, considerou o texto de Mq 3,1 como um resíduo que foi deixado na redação; no entanto, ele não esclareceu por que ainda subsistem, nos relatos dos Doze escritos, outros textos biográficos, tais como Mq 1,8 e 7,1, que são considerados como lamentações do profeta, e que na visão do autor seriam materiais inválidos. O estudo de Budde

¹⁰⁴ Cf. NOGALSKI, J., *Redactional Processes in the Book of the Twelve*, pp. 270-277.

visualiza somente um processo editorial, apresentado com suas diferentes adições e estágios até a sua redação final na compilação e revisão do livro.

Percebe-se que o argumento de Budde tem encontrado pouco apoio entre os estudiosos¹⁰⁵. Além da presença dos materiais biográficos (cf. também Os 1-3, Am 7,7-14), a falta da evidência histórica dos grupos que poderiam ter questionado a santidade da literatura profética dificultou a aceitação de sua teoria. Não obstante, há autores como Jones¹⁰⁶ que apontam como positiva a descrição fragmentada da forma literária dos Profetas Menores feita por Budde, com ênfase na unidade literária, ignorando as incongruências dentro dos textos dos Profetas Menores.

Outro ponto apontado por Jones, a favor de Budde, é a sua descrição da forma “canônica” do livro dos Doze, como palavra exclusivamente divina, antecipando a descoberta do *Pesharim* de Qumran, no qual as palavras dos textos proféticos foram interpretadas exatamente como Budde as descreveu, ou seja, como palavras divinas que têm pouca relação com as palavras humanas transmitidas. Por fim, Jones mostra a significativa colaboração de Budde: a colocação tardia que o autor faz do livro de Jonas, que, tomada à luz da descoberta de 4QXII^a, confirma o seu argumento sobre a posição final de Jonas após Malaquias na coletânea do livro dos Doze.

Como um todo, a análise de Wolfe também rendeu resultados hipotéticos. As estruturas e estratificações internas dos livros, vistos em separado, foram pouco consideradas. O critério do autor para identificar os escritos proféticos autênticos foi inteiramente subjetivo. Por isso, o resultado de sua análise não poderia ser válida. Naturalmente, não se pode considerar uma proposta que se apóia em uma reconstrução textual sustentada por provas adicionais com múltiplas hipóteses desnecessárias. Os textos que Wolfe identificou como secundários têm sido rotulados como originais por outros estudos literários. O autor também assumiu que materiais similares entre os Profetas Menores eram o

¹⁰⁵ G. Metzner pensa que as considerações de Budde são puramente especulativas e não se deixam aplicar à tradição dos grandes profetas. CF. METZNER, G. *Kompositionsgeschichte des Michabuches*. Europäische Hochschulschriften Reihe 23: Theologie vol. 635. Frankfurt/M u. a.: Lang, 1998, p. 177.

¹⁰⁶ Na sua opinião, o trabalho de Budde é melhor do que recentes trabalhos tal como o de House: HOUSE, P. *The Unity of the Book of the Twelve*, Sheffield: JSOT Press, 1990. Cf. JONES, B. A. *The Formation of the Book of the Twelve*, pp. 15-16.

resultado de autoria comum em vez do resultado de citação ou tradição profética¹⁰⁷.

No entanto, devemos reconhecer-lhe o mérito de tentar reconstruir a constituição progressiva dos Doze Profetas e de ter querido determinar a origem dos vários materiais que compõem este *corpus*. Como notou Otto Kaiser¹⁰⁸, cabe a Wolfe, por seu pioneiro estudo de pesquisa histórico-redacional do livro dos Profetas Menores, bem como à tentativa comparável de Alfred Jepsen¹⁰⁹, o mérito de ter aguçado a visão para uma tendência diferente dos suplementos nos livros em separado. Somente ante o pano de fundo de grandes experiências de estudos de crítica da redação (*RedaktionsKritik*) puderam ser iniciadas as promissoras tentativas de esclarecer a história redacional do livro dos Doze, já nas últimas décadas.

Dessa forma, na visão de alguns estudiosos, entre eles Jones¹¹⁰, os erros da metodologia de Wolfe e os excessos de sua análise literária não teriam anulado a sua contribuição para o estudo da unidade do livro dos Doze. A visão amplamente aceita na erudição bíblica é a de que o processo de transmissão não apenas preservou os textos dos Profetas Menores, mas também contribuiu para a sua união.

¹⁰⁷ Para Jones, o argumento de que alguns materiais similares sejam o resultado de uma autoria comum é legítimo, e, em alguns casos, esta hipótese pode ter um alto grau de probabilidade. Porém, concluir que todos os materiais similares podem ser explicados dessa maneira é uma abordagem bastante simplista e mecânica para um *corpus* literário extremamente complexo. Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, pp. 16-19.

¹⁰⁸ KAISER, O., *Das Dodekapropheton oder Zwölfprophetenbuch*, 105; on line: www.uni-essen.de/Ev-Theologie/twelve/Kaiser-12b.htm.

¹⁰⁹ Jepsen viu na sucessão de Oséias, Amós, Miquéias, Joel e Sofonias, um livro de cinco profetas organizado durante ou pouco depois do exílio. Isso estaria evidente não apenas na seqüência da LXX (Oséias, Amós, Miquéias e Joel), mas também nas relações óbvias entre Joel e Miquéias 7. Essas observações levam, contudo, à suposição falsa de que a conclusão do livro de Miquéias teria sido originariamente um discurso de Joel. Jepsen não pensou em processos de redação em termos de textos sobrepostos, pois ele julgou também Mq 1,6s, como fragmento estabelecido originariamente por Os 13. Assim, o autor não teria visto Oséias e Miquéias como partes de um mesmo livro formado por sobreposição de textos, mas como livros separados, já que Oséias teria determinado Mq 1,6. Cf. JEPSEN, A., “Kleine Beitrage zum Zwölfprophetenbuch”, ZAW 56 (1938) 85-100; JEPSEN, A., “Kleine Beitrage zum Zwölfprophetenbuch II”, ZAW 57 (1939) 242-255.

¹¹⁰ Jones afirma que o estudo de Wolfe foi significativo para a metodologia de seu trabalho. Uma das treze camadas de redação colocadas por Wolfe possui algumas afirmações válidas, a saber, as trocas que ele identificou comparando os textos da LXX e do TM dos Profetas Menores. O estágio final da redação de Wolfe sugere que a evidência textual da LXX sustenta um concreto começo para um estudo histórico redacional, que seria trabalhado posteriormente, de uma evidência textual para níveis de redação mais conjecturais e anteriores. Tal metodologia e suas implicações para o processo canônico foi explorado nos capítulos dois e três da sua dissertação. Cf. JONES, B. A. *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 18.

Um segundo ponto importante levantado pelo estudo de Wolfe é a relação, embora especulativa, que ele estabelece entre o crescimento do Livro dos Doze e seu eventual *status* canônico. Na sua visão, uma das intenções dos editores de unir a literatura profética foi a de preservar o passado literário de Israel, primeiro durante o exílio, e depois, quando o movimento profético ameaçava desaparecer. Somente mais tarde, a história da preservação se desenvolveu como uma literatura e, a partir daí, foi reconhecida como sagrada e digna de crédito. O tema da canonicidade – que para Budde era o impulso para a redação dos Doze – era, para Wolfe, o ponto final do processo de redação.

Weimar, representante da nova tendência para explicar a composição dos Doze, realizou o seu trabalho tendo por base o livro de Abdias. A sua afirmação se baseia nas referências verbais cruzadas com outros textos redacionais, inseridos no *corpus* profético. Não se pode e nem se deve negar que houve muitas referências cruzadas entre os livros proféticos, mas é mais provável pensar em atribuir essas referências à influência de um profeta em outro, do que em uma atividade editorial.

Weimar teve sua tese ampliada por E. Bosshard. Este autor apontou a relação dos Doze com Isaías, afirmando haver em ambos os mesmos processos redacionais. No estudo da sua análise, constatamos que existem elementos, tanto literários quanto temáticos, que sustentam seu trabalho – os diversos estratos redacionais apresentados pelo autor no interior dos dois complexos. Percebe-se que Bosshard não está tão interessado no livro dos Doze quanto na relação entre os Doze e Isaías¹¹¹. O que é surpreendente, e de nosso maior interesse, é que o autor não menciona os textos, praticamente idênticos, de Is 2,2-4 e Mq 4,14.

Às vezes, as observações de Bosshard parecem evidentes e incontroversas, por exemplo, aquelas feitas em relação aos títulos de Os 1,1 e Is 1,1, que mencionam os quatro reis de Judá. O autor nota também os vários pontos de contato entre os textos de Jl 1,1-2,11 e Is 13,2-6.14-16, que estabelecem fortes relações lexicais, como a frase “próximo é o Dia do Senhor” junto às descrições

¹¹¹ Vários outros autores afirmam haver em ambos, o livro dos Doze e o livro de Isaías, os mesmos processos redacionais: cf. CONRAD, E. W., “The End of Prophecy and the Appearance of Angels/Messengers in The Book of the Twelve”, *JOT* 73 (1997) 65-79; STECK, O. H., *The Prophetic Books and their Theological Witness*, Chalice Press, St. Louis, Missouri, 2000; COLLINS, T., *The Mantle of Elijah: The Redaction of the Prophetic Books* (The Biblical Seminar 29), Sheffield, 1993.

de exércitos e guerras, que introduzem temáticas concernentes a povos estrangeiros. Outras ligações do autor não são assim tão evidentes, mas apenas prováveis, como por exemplo: Is 66,18-21 e Zc 14,16-21. Outros elos transversais são tratados de modo problemático. Dessa forma, seu método crítico-redacional parece ser questionável. A análise do autor sofre de alguns problemas, que incluem a tendência de eliminar os textos individuais e associá-los com camadas redacionais de outros textos, sem considerar os seus contextos históricos e literários. Tal análise parece ser direcionada pela antiga máxima de que os profetas do período pré-exílio pregavam o julgamento contra Israel; enquanto que os profetas do período pós-exílio pregavam a restauração. Assim, uma atenção aos vários fatores históricos desses textos, o impacto retórico, que eles devem ter projetado nas suas audiências, e mesmo a hermenêutica, que interliga a forma final do livro dos Doze no TM e na LXX, desafiariam as suas reconstruções.

Mais adiante, o estudo do livro de Malaquias no conjunto dos Doze, realizado por Bosshard e de Kratz, apresenta-nos observações de que o livro dos Doze Profetas nem sempre foi um livro independente, mas um texto burilado e revisado redacionalmente em diferentes níveis e à luz de diversos horizontes até atingir a sua forma final. O último estrato, Malaquias III, apresentado no esquema de Bosshard e Kratz, criou de uma só vez o livro separado de Malaquias, o livro dos Doze e a coleção canônica da literatura profética, que inclui Isaías, Jeremias, Ezequiel e o livro completo dos Doze. Naturalmente, pode-se afirmar que até certo ponto, todos os livros proféticos influenciaram-se, mas se os limites da referente literatura são ampliados, incluindo não apenas os Profetas Menores, mas também Isaías, Jeremias, Ezequiel, então a afirmação não pode ser de uma unidade literária, mas de repertório literário comum, baseado em um tipo comum de discurso e gênero profético.

Em consonância com a linha de pensamento desses autores, Steck tenta igualmente descrever a última etapa redacional do *corpus* profético, relacionando, como já havia sido feito por Bosshard, o livro de Isaías com o livro dos Doze. A insistência de Steck em ver a revelação divina como um desdobramento de uma experiência temporal está em tensão com a sua própria insistência de que os textos devem ser lidos particularmente, segundo o modo pelo qual o próprio texto determina tal tipo de leitura. O autor oferece pequenos ensaios, sem comentários, entre as descrições de como os livros proféticos apresentam Deus e como Deus

realmente é. Uma apresentação meta-histórica do livro é identificada com a compreensão da história de Deus, que alternadamente é assumida como relevante para o leitor contemporâneo.

As hipóteses lançadas por esses três autores pecam pela pretensão de poder determinar as datas precisas das alusões, que não são sempre tão evidentes quanto querem fazer crer¹¹². Além disso, o uso da análise literária detalhada dos textos bíblicos, estudados com o objetivo de identificar o material redacional, fez surgir apenas uma reconstrução extremamente complexa da história redacional. Por isso, as reconstruções redacionais de Weimar, Bosshard, Kratz e Steck não tiveram tanto sucesso na identificação dos materiais propostos nos textos do livro dos Doze¹¹³. Além disso, esses autores não levam em consideração a evidência suprida pela literatura profética e por um estudo mais sério do contexto sócio-histórico no qual esta literatura foi escrita, lida, (re) lida, editada e transmitida de geração para geração.

O modelo apresentado por Collins individualiza as seguintes etapas na redação dos Doze: uma redação exílica (Os, Am, Mq, Na, Sf, Hab – na Babilônia); uma redação pós-exílio (Ag, Zc 1-8, talvez Jl e Jn); e a última (Hab, Ml e acréscimos a Sf), que forma os Doze Profetas. Do ponto de vista metodológico, evidencia-se uma certa incoerência, porque embora o autor sustente que as ligações encontradas entre um profeta e outro são do tipo literário, aquelas que evidencia, na realidade, são de preferência temáticas.

O ponto de vista de Nogalski é de que os redatores queriam que o leitor percebesse os escritos de Amós à luz de Oséias, possivelmente porque eram comprometidos com a posição teológica do mesmo. Outros autores têm usado o conceito *Deuteronomísticos* para caracterizar estes redatores¹¹⁴. Como Lohfink¹¹⁵,

¹¹² Há opiniões diferentes: Otto Kaiser defende que O. H. Steck teve o mérito de chegar a uma cronologia relativa dos acréscimos escatológicos no livro dos Doze, assim como a hipótese da ordenação, no período pérsico tardio ou início do período helenístico, baseando-se em suas investigações histórico-redacionais do livro de Isaías. Cf. KAISER, O., *Dodekapropheten*, 105.

¹¹³ Jones, também nota que, embora as estratificações redacionais dos textos possuam uma análise detalhada da estrutura literária da forma final do livro, a descrição de tais camadas redacionais começa com uma suposta camada composicional reconstruída anteriormente e vai até a última camada. Sendo assim, eles constroem seus estudos em um estágio inicial hipotético que existe apenas em suas respectivas reconstruções. Cf. JONES, B. A. *The Formation of the Book of the Twelve*, pp. 21-22.

¹¹⁴ Cf. SCHMIDT, W. H., “Die deuteronomistische Redaktion des Amosbuches: Zu den theologischen Unterschieden zwischen dem Prophetenwort und seinem Sammler”, *ZAW* 77 (1965) 171.

alguns estudiosos defendem que a linguagem típica *Deuteronomística* é apenas raramente identificada. Collins e Schart¹¹⁶ preferem ser mais cautelosos; por isso, falam de uma redação que, em adição às subscrições, inseriram algumas passagens que resultaram próximas ao pensamento *Deuteronomístico*. Schart, especialmente após várias observações a respeito desta redação¹¹⁷, defendeu o ponto de vista de que todas as transgressões feitas pelo povo foram concebidas como sendo direcionadas contra Deus. Assim, a raiz de toda a desgraça é a distorção da relação pessoal com Deus, que fora estabelecida no Êxodo. Com o propósito de sublinhar este ponto, os redatores inseriram passagens referentes ao Êxodo nos pontos cruciais da composição da coleção (Am 2,10; 3,2; 9,7; Mq 6,4-5). A degeneração social, cultural ou jurídica é vista como o resultado da corrupção fundamental da identidade de Israel, que é determinada pelo Êxodo. É notável que a redação refletiu sobre o papel dos profetas dentro da história de Deus com Israel e Judá (Am 2,11-12; 3,7).

Os autores, citados acima, avançaram em suas tentativas de reconstruir o processo redacional que conduziu à formação dos livros dos Profetas Menores; alguns deles estudaram somente o processo redacional, enquanto outros discutiram as sessões específicas dos livros incluídos nos Doze. No entanto, todos os modelos propostos pela crítica redacional assumem que pequenas coleções formaram ou construíram em várias etapas o livro final dos Doze. Na opinião de Ben Zvi, é hipotético dizer sobre um precursor do livro dos Doze que contenha somente Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias, como foi apontado por diversos autores¹¹⁸. Além disso, a probabilidade de cada uma dessas propostas depende da hipótese de base, ou seja, da reconstrução textual na qual ela se apóia. Sendo assim, é preciso assumir que o processo redacional apontado nos livros proféticos

¹¹⁵ Cf. LOHFINK, N., “Gab es eine deuteronomistische Bewegung?”, in *Studien zum Deuteronomium und zur deuteronomistischen Literatur III*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1995, pp. 65-142.

¹¹⁶ Cf. SCHAT, A., *Die Entstehung des Zwölfprophetenbuchs*, 46; COLLINS, T., “The Scroll of the Twelve”, p. 62.

¹¹⁷ Schart estuda o desenvolvimento redacional do livro dos Doze traçando sete estágios no seu desenvolvimento, sendo dois estágios anteriores ao estágio deuteronomista de Nogalski, um Corpus deuteronomico, e quatro etapas subsequentes, sendo que na primeira foram adicionados os livros de Naum e Habacuc; na segunda, os livros de Ageu e Zacarias 1-8 (e possivelmente muitos textos Zc 9-13); uma terceira, com os livros de Joel e Abdias, e Zacarias 14; e a quarta ,completando os Doze com as adições de Jonas e Malaquias.

¹¹⁸ Como já citamos anteriormente, Schneider, Freedman, Collins, Nogalski e Schart defendem que Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias já existiam como uma coleção separada.

apresenta-se incerto e, por isso, incapaz de desvendar o estágio redacional da reconstrução textual de um livro particular¹¹⁹.

As etapas redacionais das evidências históricas, como vimos acima, são difíceis de serem elaboradas, por causa das alterações que os livros sofreram na transmissão textual da coleção dos Livros Proféticos. No entanto, é preciso ter em mente que nossa preocupação não é privilegiar o estudo das evidências históricas ou das camadas redacionais, mas, antes, privilegiar o papel do leitor, em vez de pesquisar o papel do autor. Como os livros proféticos são trabalhos escritos, compostos e produzidos para serem lidos e (re)lidos na comunidade, o seu significado envolve a interação entre o antigo leitor para o qual o livro foi escrito, e o texto (que está sendo) lido pelo leitor atual. O maior problema, então, é estabelecer o que é estrato redacional intencional e o que é apenas acidentalmente conectado.

Dessa forma, o estudo para se chegar a uma síntese das diferentes interpretações não oculta o esforço de ver nascer a interpretação do próprio texto mesmo incluindo seus horizontes ideológicos / teológicos. Assim, esta abordagem não focaliza primariamente o autor, editor ou redator do texto, mas a recepção do texto pela comunidade para a qual e dentro da qual o texto foi escrito; em outras palavras, como o texto foi provavelmente lido por esta comunidade e de que modo os responsáveis pelos escritos foram capazes de escrever, de ler e de reler o tipo de literatura representada pelos Livros Proféticos, considerando-os como ensinamento divino para a comunidade.

A partir dessas considerações, analisaremos outros estudos que apontam para um processo consciente de compilação literária no desenvolvimento do livro dos Doze como um todo. As técnicas literárias empregadas na composição e redação dos textos proféticos nos têm ajudado a descobrir algumas das várias interpretações e adaptações que emergiram neste *corpus* profético.

¹¹⁹ Ben Zvi acrescenta: é preciso distinguir rigorosamente entre uma fonte pré-composicional e a probabilidade de qualquer reconstrução textual particular dos trabalhos escritos. É impossível reconstruir do texto final o que foi omitido em sua fonte – a menos que as fontes estejam presentes em algum lugar. Os antigos autores / auditores trabalharam a partir de uma lógica, mas certamente não consistente e nem sempre de maneira previsível. Inútil dizer que esses autores / redatores eram sofisticados e muitos deles comunicaram ou expressaram mais do que uma perspectiva em um único tema, ou ainda eles apresentaram uma visão de perspectivas contrastantes, sendo ambíguos; assim, torna-se inútil, de um ponto de vista crítico, este trabalho de reconstrução. Cf. BEN ZVI, E. “Twelve Prophetic Books or the Twelve: a Few Preliminary Considerations”, p. 146.

2.5.4

O Livro dos Doze visto como uma compilação literária

Recentemente, o interesse dos pesquisadores se voltou para o estudo literário dos livros dos Profetas Menores. Podemos dizer que tal estudo monopoliza o zelo dos exegetas. Esses estudiosos são, em geral, mais céticos sobre a possível compreensão das camadas redacionais dos textos. Entre eles, citamos House¹²⁰, que reage de maneira extrema à crítica histórica e utiliza uma abordagem literária exclusivamente sincrônica para pesquisar a trama progressiva do livro dos Doze considerado então como uma obra perfeitamente unificada. De preferência, visualiza o livro dos Doze, como uma compilação literária (materiais pré-existentes, reorganizados por afinidades literárias, temáticas ou estruturais).

Um dos primeiros críticos que trabalhou a unidade dos Doze Profetas, sob o ponto de vista literário, foi H. Ewald, que utilizou as evidências dos títulos dos escritos proféticos para reconstruir a coleção pré-exílio e pós-exílio desses livros¹²¹. Na sua opinião, os editores que criaram essa coleção inseriram materiais nos textos já existentes. O autor cita o exemplo da inserção do nome “Malaquias” em Ml 1,1 que, na sua opinião, teria sido unido à coleção para completar o número de Doze Profetas. Embora Ewald tenha levado em conta algumas adições editoriais, estas foram, ao longo da coleção, mais limitadas do que as etapas redacionais discutidas acima. Os editores dos pequenos escritos proféticos foram, na visão de Ewald, principalmente, compiladores.

Em 1979, D. A. Schneider, envolvido pela ausência por parte dos estudiosos de uma atenção à forma canônica, trabalhou a unidade textual dos Doze¹²² buscando o significado do “livro dos Doze” como uma unidade textual, investigando a origem dos livros. O autor propôs uma constituição gradual em quatro etapas, iniciando no século VIII a.C., e concluindo durante a trajetória de Neemias na última metade do século V. A primeira coleção reuniu Oséias, Amós e Miquéias no tempo do rei Ezequias, formando assim o núcleo do Livro dos

¹²⁰ Cf. HOUSE, P. R., “The Unity of the Twelve”, pp. 123-124.

¹²¹ Cf. EWALD, H., *Die Propheten des Alten Bundes erklärt*, vol 1 (Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1868²) pp. 74-82.

¹²² Cf. SCHNEIDER, D. A., *The Unity of The Book of the Twelve*, 1979, 38-42; 55-56; 112-114.

Doze. Em seguida, se associaram Naum, Habacuc e Sofonias¹²³, compilados durante a reforma de Josias e adicionados à primeira coletânea, provavelmente durante o exílio. Os livros de Joel, Abdias e Jonas, na visão de Schneider, foram reunidos em um terceiro estágio, no final do período do exílio. Na quarta e última etapas, vieram as obras de Ageu, Zacarias (incluindo os caps. 9-14) e Malaquias, numa edição realizada no final do século V a.C.

O autor argumenta que a seqüência Oséias-Amós-Miquéias seria o núcleo dos escritos dos Doze Profetas. Esta seqüência interna de Oséias, Amós e Miquéias é a mesma em ambas, tanto no TM quanto na LXX. As diferentes posições de Amós e Miquéias em relação a Joel e Abdias no TM seriam o resultado da inserção tardia dos dois livros dentro da coleção pré-existente. Este autor também assinala o caráter do grupo de Naum-Habacuc-Sofonias. Naum e Habacuc se assemelham cronológica e literariamente.

Naum identifica os opressores que não são citados em Habacuc, a saber, a Assíria. E Habacuc identifica o agente da destruição de Nínive/Assíria descrita em Naum, isto é, a Babilônia. Naum inicia com a teofania, enquanto Habacuc termina com a teofania¹²⁴. Uma identificação similar pode ser vista também no grupo de Ageu-Zacarias e Malaquias. Ageu e Zacarias 1-8 formam um *corpus* literário integrado que é unificado por uma estrutura cronológica e paralelos lingüísticos. Estes paralelos lingüísticos também unificam Ageu-Zacarias 1-8 com o livro de Malaquias. Porém, contra a idéia de uma constituição dos livros sob várias gerações, ele avalia, sobretudo que os profetas escreveram eles mesmos suas próprias obras, compilando, entretanto, os escritos dos profetas anteriores, dos quais sofreram influência. Seria no nível dessa compilação que os editores teriam chegado a utilizar a técnica das palavras-chave.

Outra abordagem, com ênfase no cânon bíblico, foi realizada por R. Clements¹²⁵, que identificou uma tendência hermenêutica para harmonizar os vários textos proféticos dentro de uma única mensagem profética. Na sua opinião, a mensagem essencial dos profetas canônicos para os primeiros judeus e cristãos

¹²³ Jones concorda que o desenvolvimento temático, a dependência literária e as associações verbais dão unidade e ordem a esses três trabalhos. Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 25.

¹²⁴ Cf. SCHNEIDER, D. A., *The Unity of the Book of the Twelve*, pp. 52-54.

foi mensagem de julgamento, seguida pela mensagem de restauração, com ênfase nesta última. Essa mensagem unificada de esperança para uma restauração, predominante, principalmente após o ano 587 a.C., não foi reconhecida pelos tradutores e coletores da literatura profética como um crescimento natural de elementos promissores vistos dentro das próprias tradições proféticas. Clements ainda argumenta que os escritos proféticos foram coletados e editados com a finalidade de completar a mensagem profética dentro de cada texto, incluindo o elemento de esperança para uma restauração.

Na linha de Clements, A. Lee publica seu estudo sobre a unidade canônica dos Doze¹²⁶. Partindo do pressuposto de que o livro dos Doze é uma coleção realizada sob a direção de Neemias. O autor concorda com a visão de Clements de que a atividade redacional estava alinhada sobre o tema da esperança, o que caracterizava as seções conclusivas de muitos livros dos Profetas Menores¹²⁷. Na sua pesquisa para a compreensão global dos Doze, Lee observou as passagens salvíficas dos oráculos proféticos, concluindo que cada livro afeta o sentido do conjunto do *corpus*, e este, inversamente.

Parte do artigo de Clements serviu também de modelo de estudo sobre a unidade do livro dos Doze realizada em 1990, por P. R. House¹²⁸. O projeto deste autor é de ler o livro dos Doze como uma trama narrativa contínua, ou seja, como uma única construção literária. O autor utiliza a crítica literária na identificação de certos fatores, tais como: a unidade do gênero literário, a estrutura de conjunto, a trama e a coerência temática sobre os diversos assuntos, entre eles, a questão de Deus, a vocação profética, Israel como rebelde e como resto, e as sanções. House considera o livro dos Doze como um único livro, construído segundo uma estrutura tripartida, cujas três seções concernem sucessivamente ao “pacto e pecado” (Oséias-Miquéias, embora não exclusivamente, estes escritos narram, principalmente, o pecado de Israel e das nações); o “castigo ou punição” (Naum-Sofonias, descrevem extensivamente o castigo referente aos pecados); e a “restauração” (Ageu-Malaquias visam à restauração de Israel com as nações).

¹²⁵ Cf. CLEMENTS, R., “Patterns in the Prophetic Canon”, in *Canon and Authority*. Essays in Old Testament Interpretation, ed. George W. Coats & Burke O. Long, Philadelphia: Fortress Press, 1977, pp. 42-55.

¹²⁶ Cf. LEE, A. Y., *The Canonical Unity of the Scroll of Minor Prophets* (Ph. D. dissertation, Baylor University, 1985).

¹²⁷ Cf. Os 14,1-8; Am 9,11-15; Mq 7,8-20; Jl 4,16-21; Ab 17-21 e Sf 3,8-20.

House segue o esquema de *eleição, rejeição, punição e purificação*¹²⁹. Na sua opinião, o livro dos Doze teria sido composto na perspectiva de uma teologia deuteronomista da história¹³⁰.

Outros dois artigos que abordam a unidade do livro dos Doze são os de N. Gottwald¹³¹ e H. Marks¹³². O artigo de Gottwald é similar ao de House por tratar dos mesmos temas (gênero e trama); porém, apesar deste autor reconhecer os livros proféticos como um todo, ele não os considera como uma narrativa coerente, e sim como um livro de gêneros diversificados, compostos durante vários séculos. Por isso, prefere falar de uma trama narrativa insinuada, que se situa por trás dos diversos materiais proféticos. Tal narrativa trata do fato de que os reinos israelitas foram destruídos, mas que a sua identidade nacional continuará na restauração da Palestina.

O artigo de Marks também avalia o livro dos Doze numa perspectiva literária, sem diminuir a diversidade ou complexidade dos textos. Este autor descreve o livro dos Doze em relação a uma interação do texto e das vozes, inseridos em uma única estrutura. Características unificantes que estudiosos como Schneider, Clements e House já haviam identificado. No entanto, Marks dá atenção às diversas vozes soantes nos textos proféticos, avaliando tanto os elementos diversos quanto os individuais que não foram ajustados nos esquemas anteriores. E argumenta que, embora a forma canônica do livro esteja designada a consolidar o seu complexo conteúdo dentro de uma unidade literária, a característica discordante do livro não pode ser totalmente silenciada.

Em um estudo publicado em 1993, C. Van Leeuwen¹³³ chega à conclusão de que a redação final do livro dos Doze é de caráter sapiencial e que, por construir uma teodicéia tendo traçado o julgamento divino para o período que vai de 722 a 587 a.C., os autores dos primeiros seis escritos (Oséias a Miquéias) se referem ao

¹²⁸ Cf. HOUSE, P. R., *The Unity of the Twelve*, pp. 63-109.

¹²⁹ *Ibid.*, pp. 63-109.

¹³⁰ O impacto do trabalho deuteronomista na composição dos Doze é um fato que foi colocado em evidência. Ver, por exemplo, BEN ZVI, E., "A Deuteronomistic Redaction in/among "The Twelve"? A Contribution from the Standpoint of the books of Micah, Zechariah and Obadiah", in *SBL SP*, 1997, 433-459.

¹³¹ Cf. GOTTWALD, N., "Tragedy and Comedy in Latter Prophets", *Semeia* 32 (1984) 83-96.

¹³² Cf. MARKS, H., "The Twelve Prophets" in *the Literary Guide to the Bible*, ed. R. Alter & F. Kermode, Cambridge: Harvard University Press, 1987, 207-232.

¹³³ Cf. LEEUWEN, R. C. Van, "Scribal Wisdom and Theodicy in the Book of the Twelve", in *Search of Wisdom. Essays in Memory of John G. Gammie*, Edited by L. G. PERDUE, B. B. SCOTT, W. J. WISEMAN, Louisville, KY: Westminster, John Knox, 1993, 31-49, p. 32

texto do Ex 34,6-7¹³⁴. Um texto que coloca em evidência o caráter bipolar que Deus dá a Si mesmo: lento na cólera, todavia não deixa nenhum pecado impune ou misericórdia e justiça retributiva. A primeira alusão, ele vê em Os 1,6, no qual é declarado que o caráter misericordioso de Deus não estará mais em vigor. No entanto, em Os 14,10 está implícito que o sábio conhece e reconhece que Deus não se esquece daqueles que se arrependem. Os redatores parecem explorar a tensão existente entre os termos misericórdia e justiça em Deus, a fim de mostrar que os diferentes profetas enfatizaram atributos diferentes para o mesmo Deus. O autor compara Ex 34,6-7 com os textos de Jl 2,12-14.18; Jn 3,9; 4,2; Mq 7,18-19 e Na 1,2-3a¹³⁵. Esta é a teologia que também A. Cooper vislumbra no livro dos Doze, em particular nos livros de Joel, Jonas e Naum¹³⁶.

Grande conhecedor dos estudos sobre os Doze, J. Nogalski publica, em 1993, sua Dissertação sobre os Doze, em dois volumes, consideradas obras de referência¹³⁷. Ele parte da suposição de que a antiga tradição de copiadorees que escreveu os Doze Profetas Menores num rolo-de-manuscrito assinala mais do que uma organização casual de livros independentes entre si. Esta suposição é fortalecida pela investigação fundamental do “Catchwords Phenomenon” (“Fenômeno das Palavras-chave”), existente em livros contíguos na ordem do TM dos Profetas Menores. O autor ressalta que, em muitos casos, pode-se observar que a última seção de um livro é conectada diretamente com o início do livro seguinte, com palavras-chave, numa espécie de articulação entre os diversos livros¹³⁸. Algumas dessas conexões são significativas e têm atraído a atenção,

¹³⁴ Segundo os comentários de Watts, o texto foi relido pelos Doze à luz de Ex 32,12-14, no qual, após o episódio do bezerro de ouro, Moisés implora YHWH que volte atrás no que tange à ordem de sua cólera e se arrependa do mal que ele tinha decidido fazer a seu povo, prece finalmente atendida. Cf. WATTS, D. W., “A Frame for the Book of the Twelve: Hosea 1-3 and Malachi”, in NOGALSKI, J. D. & SWEENEY, M. A., *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, pp. 209-217.

¹³⁵ Este tema será tratado mais adiante, na intertextualidade do livro de Miquéias com outros textos proféticos.

¹³⁶ Cf. COOPER, A., “In Praise of Divine Capriciousness: The Significance of the Book of Jonas”, in P. R. DAVIES & CLINES, J. A. (ed), *Among the Prophets: Language, Image, and Structure in the Prophetic Writings* (JSOTSup 144), Sheffield, 1993, pp. 144-163.

¹³⁷ Cf. NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve e Redactional Processes in the Book of the Twelve*. Estes dois volumes formam a versão da sua tese (1991) orientada por Odil Hannes Steck em Zurique: “Redactional Layers and Intentions: Uniting the Writings of the Book of the Twelve”. Esta por sua vez retoma a dissertação de Mestrado da Faculty of the Baptist Theological Seminary in Rüslikon (Suíça) de 1987 com o título “The use of Stichwörter as a Redactional Unification in the Book of the Twelve”.

¹³⁸ Já em 1851, F. Delizsch havia notado sobre o final de um escrito e o início do escrito seguinte, realçando algumas considerações sobre a participação de significantes vocabulários. Cf.

principalmente para o texto de Os 14,5-10 e Jl 1, 1-12¹³⁹, que pode ser citado como um exemplo dessa metodologia e argumento¹⁴⁰. Na sua opinião, Os 14,8 não segue a estrutura e o contexto imediato de sua mensagem, por isso, ele conclui que aquele é uma inserção redacional, cujo propósito é conectar o livro de Oséias ao livro de Joel por palavras-chave redacionais. Uma análise similar do texto de Jl 1,1-14 resulta na conclusão de que as palavras-chave de Os 14,8 são partes essenciais para a estrutura e contexto de Jl 1. Assim, Nogalski conclui que o autor de Joel não apenas construiu seu texto para conectar com o verso final de Oséias, mas também inseriu Os 14,8 com a finalidade de solidificar essa conexão¹⁴¹.

Assim, não apenas foram adicionados os livros de Joel, Abdias, Naum, Habacuc e Malaquias em uma prévia coleção, mas, como afirma Nogalski, a adição desses livros foi também a primeira ocasião para um trabalho redacional extensivo que tentou unificar o *corpus* dos Profetas Menores pelo significado redacional das palavras-chave. Nogalski considera que o anúncio do “Dia de YHWH”, que representa o tema central do livro de Joel, apresenta-se como um fio condutor para o Livro dos Doze Profetas (embora não o único). Tal ligação é vista, pelo menos, de três modos: na unidade dos gêneros, na repetição de vocabulário e no paradigma histórico que transcendem a moldura cronológica dos dados dos títulos¹⁴².

DELITZCH, F., “Wann weissagte Obadja?” *Zeitschrift für die gesammte Lutherische. Theologie und Kirche* 12 (1851) pp. 92-93. Desde então alguns estudiosos ou pensaram ser este fato uma mera coincidência dos redatores, ou postularam que essa cadeia de estribilhos foi implementada com a finalidade de unir os escritos. Essa hipótese final é aqui fortemente sustentada por Nogalski, que minuciosamente tratou com o “Catchwords Phenomenon”.

¹³⁹ Cf. Os 14,8: “Os *habitantes* retornarão à sua sombra, farão reviver o *trigo*, florescerão como *videira*, sua lembrança será como a do *vinho* do Líbano.” Jl 1,2: “Escutai, vós todos os *habitantes* do país... 5: Lamentai-vos, todos os bebedouros de *vinho*... 7: Ele transformou minha *videira* em um deserto... 11: por causa do *trigo* e da cevada... 12: a *videira* está seca...”

¹⁴⁰ As transições mais óbvias são as de Os 14,5-10 e Jl 1,2; Jl 4,16 e Am 1,2; Ab 15-21 e Mq 1,1-7; Ab 11-14 e Jn 1,1-8; Jn 2,1-10 e Mq 1,1-7; Mq 7, 8-20 e Na 1,2-8; Na 3,1-19 e Hab 1,1-17; Hab 3,1-17 e Sf 1,1-18; Sf 3,18-20 e Ag 1, 1-6; Ag 2,20-23 e Zc 1,1-11 e Zc 8,9-23 e Ml 1,1-14. Apenas em dois casos o autor viu o princípio de ligação por meio de relações por *catchwords*, fundamentado em alguma ação externa: no caso de Jn 4, com Mq 1; e Zc 14 com Ml 1. Esse fato é esclarecido por Nogalski – esse fenômeno era válido para uma coletânea que não possuía os escritos de Jonas e de Zacarias 9-14 e que foi interrompido pela inclusão posterior desses complexos de textos.

¹⁴¹ Cf. NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve*, pp. 58-69.

¹⁴² Joel cria uma transição entre Oséias e Amós pela unidade de gênero; Oséias termina com um chamado ao arrependimento, enquanto Joel inicia com o mesmo tipo de gênero. Joel termina com um julgamento escatológico contra as nações, enquanto que Amós inicia com um extenso grupo de oráculos contra as nações. A repetição de vocabulos é recorrente na interpretação das imagens e frases de Joel, tomados pelos escritos vizinhos e subseqüentes do profeta. Cf. NOGALSKI, J.,

O trabalho redacional unificante do livro de Joel, com sua série de gafanhotos como invasores (Jl 1), serviu como um quase esquema apocalíptico para as numerosas invasões ocorridas em Israel e Judá, retratado no esquema cronológico do livro dos Doze. As inserções redacionais de Os 14,8, Am 9,12-13 e Mq 1 incorporaram os livros de Joel, Abdias e as alusões aos gafanhotos em Na 3,15.17 e Hab 1,9 serviram para incorporar estes dois livros no esquema cronológico dos Doze pela identificação dos inimigos retratados nesses livros como os assírios e os babilônios. Finalmente, a recorrência em Ageu, Zacarias e Malaquias dos motivos agrícolas apresentados no livro de Joel é explicada como o resultado da unificação redacional da parte do(s) editor(es) da coleção dos Profetas Menores.

Embora Nogalski reconheça o uso de palavras-chave que Schneider utiliza para explicar a seqüência dos Doze, ele critica este autor por rejeitar a possível origem redacional das mesmas palavras-chave. Nogalski, baseado na sua análise nos textos dos Doze, reconstrói a história redacional dos livros, abordando os textos na perspectiva de uma metodologia crítico-redacional e literária¹⁴³. Após uma pequena representação da macroestrutura do livro, o autor investiga a crítica literária e apura que os escritos do livro dos Doze são o resultado da compilação sucessiva dos vários pequenos relatos pré-existentes.

A. Schart¹⁴⁴ parte da consideração dos títulos dos escritos de Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias, tomando por base os estudos de Nogalski. O autor estuda detalhadamente a redação de Amós, por ser um texto sem maiores problemas, ser de um profeta antigo e ser a chave de leitura para identificar as reconstruções redacionais dos vários estágios na composição do livro dos Doze. Por isso, coloca os seus estratos individualizados em relação com os outros escritos proféticos. Esses estágios incluem um início de “dois volumes” que compreende as primeiras formas de Oséias e Amós; um *corpus* deuteronomista (DK) que compreende

“Joel as Literary Anchor” for the Book of the Twelve”, in NOGALSKI, D. & SWEENEY, M. A., *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, pp. 91-92.

¹⁴³ Cf. NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve*. Este primeiro livro é uma coletânea constituída dos livros de Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias; e de outra, com os livros de Ageu e Zacarias 1-8. No segundo volume, “*Redactional Processes in the Book of the Twelve*” são então investigados os livros cuja conexão com as coletâneas já existentes gerou o Livro dos Doze Profetas, a saber: Joel, Abdias, Naum, Habacuc e Malaquias, juntamente com os complementos posteriores de Zacarias. 9-14 e Jonas.

Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias. Mais tarde, este conjunto foi ampliado com outros escritos: Naum e Habacuc (NHK), depois Ageu e Zacarias (HZK). Vieram posteriormente, Joel e Abdias (JOK), que não têm indicações temporais nos seus títulos e são dominados pelo tema do “Dia de YHWH”. Enfim, foram inseridos Jonas, que é um conto sem título, e Malaquias, uma coleção de discussões. Em seguida, Schart analisa de modo crítico-literário o livro de Amós, chegando a distinguir nele seis estratos, que são colocados em relação com os processos redacionais presentes em outros escritos proféticos¹⁴⁵. Às diversas fases redacionais correspondem, pois, às variadas concepções da profecia, que sustentam as bases para as expansões sucessivas tanto de Amós quanto dos Doze como um todo.

Na moldura do estudo sobre Malaquias, Lescow partilha sua visão sobre a composição dos Doze¹⁴⁶. O autor, assim como Nogalski e Schart, argumenta sobre as subscrições deuteronômicas encontradas nas obras pré-exílio (Oséias, Amós, Miquéias, Sofonias) e que oferecem a moldura literária de base dos nove primeiros livros. Ele distingue os três livros pós-exílio (Ageu, Zacarias e Malaquias). O conjunto tinha o seu centro no livro de Jonas, enquanto que Ageu, Zacarias e Malaquias são construídos em torno do tema da Torah.

Em seu estudo sobre a “gênese do livro dos Doze Profetas”, Otto Kaiser¹⁴⁷ também apóia a redação deuteronômica apontada nos estudos supracitados. O autor declara que o profeta Amós atuou por volta da metade do século VIII a.C., ficando, por conseguinte, prescritos no máximo cinco séculos e meio para a gênese do conjunto dos Doze. Possivelmente, os livros de Amós, Oséias e Miquéias já estavam, no decorrer do século VI a.C. conectados ao livro de Sofonias, sob a influência deuteronômica, para formarem um livro dos Profetas Menores completo. A eles se juntou, no século V a.C., o conjunto pós-deuteronômio dos livros de Ageu e proto-Zacarias. Mais tarde, no século IV a.C., os dois conjuntos foram reunidos, e acrescidos os livros de Joel, Naum, Habacuc e

¹⁴⁴ Para Schart, parece apropriado falar de livro “dos Doze” para detectar a coleção como um todo e falar das doze unidades atribuídas aos diferentes profetas como “escritos”. Cf. SCHAT, A., “*Die Entstehung des Zwölfprophetenbuchs...*” appendix 1.

¹⁴⁵ Cf. SCHAT, A. *Die Entstehung des Zwölfprophetenbuchs*, pp. 304-305.

¹⁴⁶ Cf. LESCOW, T., *Das Buch Maleachi: Texttheorie, Auslegung, Kanontheorie; mit einem Exkurs über Jeremia 8, 8-9*, Arbeiten zur Theologie 75. Stuttgart: Calwer, 1993.

¹⁴⁷ Cf. KAISER, O., *Das Dodekapropheton oder Zwölfprophetenbuch*, (1994). On line: www.uni-essen.de/Ev-Theologie/twelve/kaiser-12b.htm, 104.

Jonas. Ao longo das modificações escatológicas subseqüentes do conjunto e, com isso, das revisões conjuntas do livro de Zacarias 9-11 e 12-14, foram finalmente tornadas independentes também as profecias atualizadas do livro de Malaquias, que se encontram primariamente em Zacarias 8¹⁴⁸. Com isso, o conjunto alcançou seu número ideal de doze (*ideale Zwölfzahl*). A sua fase final de redação, tal como o *Dodekapropheton*, deve ter sido até a primeira terça parte do século III a.C.

Clinnes¹⁴⁹ declara que os textos eram produtos públicos compostos para serem copiados e circulados. O autor, ao dirigir-se aos Doze como um trabalho redigido, levantou duas questões: Por que existiu um livro dos Doze? E como deve ser lido o livro dos Doze?

Paul Redditt¹⁵⁰ responde às duas questões levantadas por Clinnes: os Doze foram produzidos para leitores instruídos, minoria culta do antigo Israel, que dispuseram da fala profética. Esses supostos leitores deveriam pertencer a uma minoria alfabetizada no antigo Israel e, além de serem eruditos, deveriam ser ricos o suficiente para terem o tempo livre para ler e ponderar sobre o que estavam lendo. Também poderiam ser leitores voluntários; sem uma estrutura eclesial ou política que forçasse a leitura, deixando de lado a fidelidade às tradições incorporadas nos Doze. Assim, o livro deveria sugerir uma leitura que valorizasse a voz profética. A finalidade da formação do conjunto era manter a herança profética recebida, preservando-a de deturpações ou de outras mensagens proféticas. Há indícios de que os grupos responsáveis pela redação tinham suas esperanças centradas em Jerusalém e que tivessem influência deuteronomista (Malaquias evidenciaria isto) e cultural (claramente verificada na fórmula de Ex 34,6-7), o que ocorre em Jl 2,13; 4,2; Mq 7,18; Na 1,2-3a. Quanto à segunda questão, o autor aponta os leitores seletos, mostrando as diversas leituras, mas em lugar algum foi descoberto um interesse na leitura dos Doze como um discurso conectado.

¹⁴⁸ Katrina Larkin, em um estudo sobre o Deutero Zacarias, mostra que “o Livro dos Doze” abre com notas escatológicas, em Os 2,2.16-17 e 3,4-5, do próprio profeta. Outra passagem escatológica, freqüentemente em forma de adições inclui Jl 3 e 4; Am 9,11-15; Ab 15-21; Mq 4,1-4; 4,6-8; 5,1-5; Hab 3,3-13; Sf 3,14-17.18-20; Ag 2,20-23; Zc 8,20-23; muito de Zc 9-14 e Ml 3,19-21.22-24. Cf. LARKIN, K. A., *The Eschatology of Second Zechariah: A Study of the Formation of a Mantological Wisdom Anthology*, Kampen, the Netherlands: Kok Pharos, 1994, pp. 218-219.

¹⁴⁹ Cf. CLINNES, D. J., “Why is there a Song of Songs, and What does it do to you if you read it?” *Jian Dao: A Journal of Bible and Theology* 1 (1994) 3-27.

¹⁵⁰ Cf. REDDITT, P. L. “The Production and Reading of the Book of the Twelve”, pp. 11-33, 13.

Paul Redditt¹⁵¹ reconhece que o estudo do livro dos Doze oferece ampla evidência do fato de que esses livros teriam sofrido uma série de redações que culminariam em uma coleção de vozes proféticas, algumas bem conhecidas, outras não, que atravessariam os séculos. O argumento desse autor também é o mesmo apresentado anteriormente por Nogalski: os Doze nasceram de um certo número de livros já existentes, que foram unidos pela técnica de modificar os finais dos livros individuais e os inícios dos livros seguintes para fazer com que eles se adequassem uns aos outros. Na sua opinião, essa conclusão global sustenta-se mesmo se não se aceitam todos os exemplos dos livros.

Outras técnicas são menos evidentes e foram de índole temática ou recurso a frases comuns: o uso de transições temáticas entre os livros, como a transição entre Mq 7,18-19 (a destruição da Assíria) e Habacuc (a destruição da Babilônia); o eco de certos versículos recorrentes com a expressão “profundezas do mar”, que aparece somente em Jn 2,4 e Mq 7,14; ou também o uso de Ex 34,6-7 em Jl 2,12-14.18; Jn 3,9; 4,2; Mq 7,18-19 e Na 1,3¹⁵². O autor considera que esta série de redações parece ter sido deliberada como aquela do *corpus* de Isaías, com a qual existe uma relação que pode ser definida como diálogo, sendo que o que está claro é que foram redações conscientes, mas que preservaram a individualidade dos escritos.

Em 1995, B. A. Jones, ao trabalhar sobre a formação do livro dos Doze¹⁵³, censura os exegetas, tais como D. A. Schneider, A. Y. Lee, P. R. House, J. Nogalski, por só considerarem o TM não levando em conta os outros testemunhos textuais cujo interesse não está mais demonstrado nos estudos bíblicos em geral. Jones começa então a distinguir os três principais testemunhos textuais dos Doze: o TM, a LXX e 4 QXII^a. Na sua opinião, as descobertas de Qumran trazem uma luz sobre a formação dos Doze. Assim, Jones estima que a ordem dos livros atestada pelo rolo de Qumran (4 QXII^a), isto é, com o livro de Jonas no final da classificação, é, sem dúvida, a mais antiga das três; a segunda lista mais antiga é a da LXX, com Joel, Abdias e Jonas inseridos após Oséias, Amós e Miquéias. O TM seria uma etapa mais trabalhada do livro dos Doze.

¹⁵² O texto de Ex 34,6-7 já foi mencionado acima no estudo de LEEUWEN, R. C., *Scribal Wisdom and Theodicy in the Book of the Twelve*.

¹⁵³ Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, pp. 170-176.

Uma segunda edição teria inserido Joel e Abdias no lugar que eles ocupam na LXX, configurando a um livro dos Onze (a Book of Eleven). Em seguida, foi unido o livro de Jonas após Malaquias – assim como indica 4 QXII^a – com um comentário retrospectivo sobre a literatura profética à luz do atraso observado pelo castigo prometido às nações. Enfim, logo que seu caráter profético foi reconhecido, Jonas teria sido colocado para concluir a primeira metade dos Doze. Estaria formado, destarte, o livro dos Doze (a Book of Twelve)¹⁵⁴.

Por sua parte, reunindo dezoito artigos que publicou entre 1980 e 1995 sobre os livros de Oséias e Amós, J. Jeremias publicou em 1995, um volume tendo por subtítulo “Studien zu den Anfängen des Dodekapropheten”¹⁵⁵. Ele mostra que já nas mais antigas etapas da história redacional dos Doze, encontra-se a intenção (redacional) de compreender e de apresentar as profecias diferentes como uma “unidade a várias vozes” (eine stimmige Ganzheit). Os editores não se contentaram em reler os materiais existentes por diversas técnicas de junção, pois aprofundaram a mensagem de Amós e a reuniram com a de Oséias em uma nova síntese. Oséias e Amós pertenceriam ao núcleo mais antigo do livro dos Doze e haveria entre estes dois livros palavras-chave. Em seguida, chama atenção para os quatro livros que possuem uma introdução “deuteronomista”, a saber: Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias. J. Jeremias observa que a tradicional preocupação dos antigos redatores era exatamente contrária à nossa – preocupamo-nos em descobrir a identidade histórica de cada profeta; os antigos redatores e leitores estavam preocupados em descobrir, na perspectiva própria de cada profeta, a unidade da mensagem divina, através de sua formulação multiforme¹⁵⁶.

Em 1997, Bosshard-Nepustil¹⁵⁷ investigou a conexão intertextual entre os livros proféticos e sua importância para o desenvolvimento do *corpus* profético. Sua pesquisa, baseada na correlação entre os profetas Maiores e os Profetas Menores, teve duas características principais: se, por um lado, construíram estruturas conectando os paralelos temáticos e cronológicos e apontaram para uma

¹⁵⁴ Sobre essas intuições defendidas por Jones, poder-se-ia fazer outras observações – para uma observação crítica. Ver, por exemplo, REDDITT, P. L., “Zechariah 9-14, Malachi”, p. 250 ss.

¹⁵⁵ Cf. JEREMIAS, J., *Hosea und Amos. Studien zu den Anfängen des Dodekapropheten*, (FAT 13), Tübingen, J. C. B. Mohr, 1996.

¹⁵⁶ Cf. JEREMIAS, J., *Hosea und Amos. Studien zu den Anfängen des Dodekapropheten*, p. 52.

¹⁵⁷ Cf. BOSSHARD, E., *Rezeptionen von Jesaja 1-39 im Zwölfprophetenbuch. Untersuchung zur literarischen Verbindung von Propnetenbüchern in babylonischer und persischer Zeit*, Freiburg (Schweiz) Universitätsverlag / Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht (OBO 154), 1997.

atividade redacional, que sobrepunha os livros; por outro, as correlações possuíam conteúdos variados e por isso, exigiam uma exegese diacrônica. Esse autor, em sua dissertação¹⁵⁸, escreve que não havia, até a segunda metade do século VIII a.C., essencialmente, nenhum *corpus* profético. Ao contrário, havia textos isolados de Isaías, Oséias, Amós e Miquéias que não remontavam a uma forma profética¹⁵⁹. Possíveis exceções são Oséias e Amós, nos quais encontramos antigos e importantes vínculos literários. A analogia entre estes quatro profetas deve ter ocorrido na segunda metade do século VIII a.C., quando se registraram os discursos proféticos orais, ao mesmo tempo, modificando-os para uma possível integração ao texto que se formava. Esse acervo deve ter-se originado por uma constelação histórica – o aparecimento ameaçador da grande potência Assíria - que gerou risco para Jerusalém, na guerra siro-efraimita. Os acréscimos ulteriores podem ser esclarecidos com segurança, mediante os resultados históricos estabelecidos (o fim do Reino Norte).

Assim, Bosshard-Nepustil identifica duas redações em Is 1-39: uma exílica, que ele chama de Redação (Assur / Babel-Red.) ao longo da Babilônia executada o julgamento (587/6 a.C.); e a segunda, pós-exílio, que ele chama de Redação babilônica (Babel-Red.), na qual o julgamento contra a Babilônia é esperado. Ambas as redações lêem o livro de Is 1-39 e de Jeremias, seqüencialmente, como livros ordenados. Do mesmo modo, o pesquisador identifica duas redações de conteúdo comparável nos Profetas Menores: uma realizada no período do exílio, e a outra, no período pós-exílio. Foram essas redações que orientaram a coleção, sendo que primeiro havia os livros de Oséias a Sofonias; mais tarde, até Zacarias; após a seqüência de Isaías e Jeremias. Uma redação tardia também aludia a Is 40-66, pressupondo que estes capítulos seguiam Jeremias e não Is 1-39.

Uma abordagem do tipo temático se encontra também em R. Rendtorff¹⁶⁰, que reconhece que muitos estudos contemporâneos dedicados aos Doze se ocupam do desenvolvimento do Livro nos seus diferentes níveis através de um certo período de tempo até sua forma final. No entanto, seu estudo prioriza o

¹⁵⁸ Na parte C de sua dissertação: *Resumo e Implicações*, narra sobre o processo de Formação do Corpus dos livros dos Profetas. Cf. on line: www.uni-essen.de/Ev-Theologie/twelve/bosshard-rezept.htm, p. 434.

¹⁵⁹ Este autor anteriormente trabalhou o livro dos Doze em paralelo com o livro de Isaías. Cf. BOSSHARD, E., “Beobachtungen zum Zwölfprophetenbuch”, *BN* 40 (1987) 30-62.

seguinte passo: ler o Livro dos Doze como uma unidade, admitindo o seu desenvolvimento¹⁶¹. O autor reconhece a importância dos títulos de cada livro como elementos de composição. Primeiro, eles preservam uma certa identidade por toda escritura individual – esta é a diferença básica do livro de Isaías, em que a segunda e a terceira parte não têm títulos.

Segundo, os títulos dão uma moldura cronológica dos períodos histórico-políticos dos últimos anos do Reino Norte aos últimos anos do Reino Sul (de Oséias a Sofonias). Um grande quiasmo ocorre entre o fim da independência israelita e a vida sob o dirigente Persa, incluindo o exílio da Babilônia. Nada desse período é mencionado nos textos, mas o leitor entende isso, quando os próximos dois profetas, Ageu e Zacarias, são datados de acordo com o rei Persa Dario. O leitor será confrontado com problemas novos.

Rendtorff observa que os escritos que não possuem títulos com indicações históricas, são agrupados em torno daqueles que possuem. Assim, Joel e Abdias foram locados em torno de Amós; Jonas segue Abdias porque coloca a salvação também para Nínive; enquanto que Abdias a restringe a Judá. A questão da salvação do juízo já fora colocada pelo tema “Dia de YHWH” (yôm YHWH) em Joel que, posto no início do livro dos Doze, dá um tom central ao tema que será seguido até o final da coleção (MI 3,23). Na sua opinião, esses três profetas – Joel, Amós e Abdias – formam um grupo de escritos nos quais o “Dia de YHWH” é de importância central. Joel e Abdias não são datados, assim faria sentido dizer que as posições que ocupam (no TM) foram baseadas por esse tema comum.

Quanto à questão de Jonas seguir Abdias (TM), Rendtorff¹⁶² avalia que alguns estudiosos vêem essa colocação sob o ponto de vista cronológico, ao identificarem o escrito de Jonas no livro dos Doze com um personagem de 2 Rs 14,25. Todavia, resta a questão: se os redatores, ou quem compilou o texto final, quisessem enfatizar essa identificação de Jonas, por que não o fizeram explicitamente? A relação entre Jonas e Abdias se realiza pelo tema da possível salvação universal. Esta também é uma das perguntas centrais de Joel com respeito ao “Dia de YHWH”. No entanto, para Abdias esse não é um problema;

¹⁶⁰ Cf. RENDTORFF, R., “How to read the Book of the Twelve as a Theological Unity”, in NOGALSKI, D. & SWEENEY, M. A., *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, pp. 75-87.

¹⁶¹ *Ibid*, p. 76.

¹⁶² *Ibid*, p. 77.

para ele, só Judá será salvo. Na mensagem de Jonas, ao contrário, Nínive, a cidade pagã, poderá ser salva se ela realmente se arrepender. Naum é posto após Jonas, porque neste se fala de uma Nínive fictícia; enquanto que, lá, de uma Nínive real, oposta a Judá. O livro de Habacuc parece ter uma razão cronológica – o profeta fala sobre o inimigo estrangeiro, que só surgiu no último período da história antes do exílio: a Babilônia. Por essa razão, sua posição é próxima a Sofonias, que data desse período. Finalmente, Malaquias, que pertence à era pós-exílio, não poderia ter sido colocado em outro lugar.

Rendtorff verifica as inter-relações entre os escritos quanto ao tema do “Dia de YHWH”. Para ele, a coerência será reconhecida principalmente através dessas inter-relações sobre o tema e sua terminologia. É preciso, além disso, imaginar que os responsáveis pela atual composição do Livro tenham pensado que o leitor conheça tudo o que está escrito em cada um dos livros dos Doze Profetas, ou seja, esteja atento aos diferentes aspectos do tema nestes livros, sabendo conectá-los. Dessa maneira, pode-se percorrer a linha temática que perpassa o Livro dos Doze: “O Dia do Senhor”.

Zapff¹⁶³ é da mesma opinião de Rendtorff, em sua observação sobre os títulos dos livros dos Profetas Menores. Se por um lado essa averiguação fala a favor de uma leitura de unidades isoladas, por outro, é exatamente um indício de que os livros foram transmitidos e deveriam ser lidos realmente como uma coleção ordenada cronologicamente. O autor ressalta que o livro de Miquéias, segundo a seqüência massorética, posiciona-se bem entre Jonas e Naum, nos quais se encontram textos de Miquéias, que podem ser entendidos a partir dessa seqüência. Ele considera possível uma inter-relação entre esses livros a partir de indícios formais. Deveríamos, nesse caso, contar com um processo redacional com diversas inserções, responsáveis estruturas, relações temáticas e verbais entre os livros. As intervenções redacionais poderiam ser observadas não só no conjunto, mas também em cada um dos livros individualmente. Na sua opinião, o livro de Miquéias reflete a seqüência das diferentes perspectivas dos povos dos livros de Joel, Jonas e Naum.

¹⁶³Cf. ZAPFF, B., “Die Völkerperspektive des Michabuches als, Systematisierung “der divergierenden Sicht der Völker in den Büchern Joël, Jona und Nahum?”, *BN* 98 (1999) 86-99.

Conrad¹⁶⁴ é conhecido dos leitores pelo seu primeiro trabalho em Isaías. Neste estudo, ele continua a aplicação de seu método literário para a leitura dos profetas. Ele, como Bosshard e outros, vê muitos paralelos entre Isaías e o livro dos Doze – ambos marcam o movimento da profecia oral para a profecia escrita, intencionada para ser lida em voz alta para a geração posterior. Ao afirmar que o trabalho dos Doze é uma “colagem literária”, por ele qualificada como uma coleção intencionalmente agrupada de trabalhos literários, um trabalho de arte em seu próprio meio, que destaca suas fontes ou seu desenvolvimento, o autor propõe a mesma estratégia de leitura de Steck – ler os livros do início ao fim, com a finalidade de compreender o todo em suas partes e suas partes nos termos do todo. Conrad não acredita na diacronia da história, com construções de um passado ou de um desenvolvimento redacional profético, ele prefere traçar o desdobramento do livro em termos literários, em vez de termos históricos. Na sua opinião, a Sagrada Escritura é valorizada não pelo seu enfoque histórico, mas pela sua qualidade literária. Por isso, os livros proféticos, considerados pelo autor amplamente poéticos, deveriam ser lidos não como dados para reconstruir a vida e os tempos dos profetas, e sim vistos na sua característica literária.

Conrad considera Zacarias como um personagem em um contexto próprio; e o livro de Zacarias como parte de um todo maior, o livro dos Doze. Após uma breve revisão do modo como o livro de Zacarias tem sido estudado, Conrad traça a sua estratégia de leitura para um livro profético. Na sua avaliação, é a voz de Zacarias que continua como o mensageiro de Deus através de todos os outros profetas. O autor observa que a mudança da designação de “profeta” para a de “mensageiro” é um dispositivo literário importante para mostrar a diferença entre a recepção da palavra de Deus - quando ele está ausente do seu Templo, e quando ele está novamente presente. Sua avaliação é muito útil para se compreender o trabalho da crítica literária dentro da visão da passagem das palavras faladas pelos profetas para as palavras de Deus, escritas para serem lidas por toda a comunidade. O autor estrutura os Doze em duas partes: de Oséias a Sofonias; e de Ageu a Malaquias. As duas partes apresentam diferenças, no entanto, é nas

¹⁶⁴ Cf. CONRAD, E. W., *Zechariah. Readings: A New Biblical Commentary*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.

diferenças que se pode notar como os Doze podem ser configurados como um todo¹⁶⁵.

Petersen¹⁶⁶ também utiliza o fenômeno das palavras-chave para demonstrar a ligação entre os livros. O autor igualmente exemplifica o fato de o livro de Amós ser seguido pelo de Joel, explicando a repetição das frases paralelas = “o Senhor ruge de Sião/ e pronuncia sua voz de Jerusalém”, que ocorre em ambos, no início de Amós (Am 1,2) e no fim de Joel (4,16; 3,16). Petersen pensa que tal proximidade pode ser devido a um editor, que colocou esses dois livros em sua ordem atual. Os textos de Hab 2,20 e Sf 1,7 oferecem um caso comparável, com sua advertência para o “silêncio” diante de YHWH.

Além disso, Joel precede Amós por sua referência idêntica ao Senhor rugindo de Sião, o tema de “tremor” e a promessa da restauração da nova videira. Na junção de Oséias e Joel, o princípio mais importante é aquele da metáfora agrícola incluindo a videira, o vinho e o grão em Oséias 14,8-9 e Joel 1,5.7.10.12. Estes são encontrados precisamente onde os dois livros apresentam e demonstram uma justaposição deliberada baseada no tema. De outro lado, porém, o fator maior para que esses profetas tenham sido guardados juntos, e não misturados cronologicamente com os profetas maiores, demonstra que a cronologia foi um tema secundário na compilação dos Doze. O autor sugere, porém, não argumenta extensivamente que o tema unificante dos Doze Profetas é o “Dia de YHWH”¹⁶⁷.

2.5.5

Análise crítica das propostas apresentadas pelo viés da compilação literária

Na avaliação do estudo de Schneider, observa-se que o autor é metucioso ao articular uma reconstrução plausível da origem dos Doze. O seu argumento para uma primeira coleção consistindo de Oséias, Amós e Miquéias foi a parte mais convincente e talvez, por isso, foi seguida por muitos autores. A sua datação para os escritos de Zacarias 9-14 também encontra ecos em recentes estudos¹⁶⁸.

¹⁶⁵ Cf. CONRAD, E. W., *Zechariah*, pp. 12-18.

¹⁶⁶ Cf. PETERSEN, D. L., “A Book of the Twelve?”. In: NOGALSKI, J. & SWEENEY, M., (ed), *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, p. 6.

¹⁶⁷ Cf. PETERSEN, D., “A Book or Twelve?”, pp. 7-10.

¹⁶⁸ Cf. HILL, A. E., “Dating Second Zechariah: A Linguistic Reexamination”, *HAR* 6 (1982): 105-134; C. L. MEYERS & E. M. MEYERS, *Zechariah 9-14*, The Anchor Bible Vol 25B (Garden City, NY: Doubleday, 1993), pp. 18-28.

Schneider discutiu cuidadosamente o papel das alusões bíblicas internas e das citações representadas na criação da seqüência dos livros entre os Doze. O autor também afirmou que os livros de Joel e Habacuc, em particular, foram primeiramente composições literárias designadas a ocupar suas respectivas posições no *corpus* profético. No entanto, Schneider não apontou as evidências históricas externas para as suas informações. A dificuldade tanto deste autor quanto dos outros é justamente explicar os paralelos literários entre os vários livros proféticos – falta-lhes evidências externas para a origem e a pré-história do *corpus* profético.

Outra dificuldade vista no trabalho de Schneider é a forma como elabora a relação das evidências internas do livro dos Doze, ou seja, como ele analisa a história literária das várias unidades textuais. Schneider atribui a autoria do livro dos Doze aos próprios profetas, que são nomeados nos livros proféticos. Tal argumento, além de muito duvidoso, revela a dificuldade do autor de identificar os estágios de composição que precederam os textos recebidos¹⁶⁹.

Nota-se ainda que Schneider atribuiu quase todas as similaridades nos textos explicando a dependência literária de um texto profético sobre outro, o que ele descreve como uma cadeia quase ininterrupta de tradições proféticas, desde os primeiros escritos até a conclusão final com Malaquias. Todavia, se pensarmos que as falas e escritos proféticos já existiam no Antigo Israel, apesar de poucos textos terem sido preservados, seria, então, mais provável que a linguagem e temas formados entre os profetas fossem o resultado da apropriação mútua de tradições independentes do que o empréstimo direto de um escrito profético pelo outro.

Embora a formulação de Clements seja interessante para uma compreensão da origem do livro dos Doze, o autor não mostra as implicações de suas observações em vista de uma compreensão mais específica, da origem e união da

¹⁶⁹ Na opinião de Jones, a mais severa limitação do trabalho de Schneider é a falta de atenção que ele devota às diferenças entre os textos da LXX e do TM do livro dos Doze. O autor ignora a seqüência variada dos livros na LXX, argumentando que essa ordem é uma seqüência variante dependente da do TM. Se Schneider tivesse investigado a unidade literária na LXX, seguindo sua própria metodologia, ele a teria encontrado; muito mais evidente que a ordem LXX dos seis primeiros livros dos Doze é seu *corpus* literário unificado. Jones, no cap. 5 de sua dissertação, mostra que a relação literária, temática e estrutural entre os primeiros seis livros no arranjo dos LXX é igualmente coerente e coesa com aqueles que Schneider identificou para o TM do livro dos Doze. O mesmo argumento será feito no cap. 4 para a ordem atestada em 4 QXII^a a qual Schneider não teve acesso. Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 28.

coleção, e nem discute exemplos específicos dos traços unificantes dentro do *corpus*, além do modelo apresentado de julgamento e salvação.

Lee, ao contrário, em seu estudo, posicionou-se contra os argumentos de muitos estudiosos ao concluir que os elementos de esperança nos livros dos profetas pré-exílio (Oséias, Amós e Miquéias) não foram, na sua maior parte, adições redacionais, mas a proclamação dos próprios profetas. Na sua opinião, os coletores dos livros dos Profetas Menores encontraram conforto naqueles textos de esperança ou textos promissores; e formaram toda a coleção à luz do modelo de julgamento e esperança. O autor não faz uso da dissertação de Schneider, justificando-se que, embora o trabalho deste autor esteja baseado na tentativa conscienciosa de compreender o livro dos Doze como um único volume, ele não emprega uma abordagem canônica. Embora Lee receba a influência do artigo de Clements, seu método de trabalho é identificado com a abordagem canônica de B. Childs¹⁷⁰. É bom lembrarmos que Childs evitou abordar o tema da unidade do livro dos Doze, alegando que esta permanece um problema a ser resolvido. Acreditamos que a questão da unidade dos Doze ainda permanece aberta.

A divisão tripartida oferecida pelo estudo de House também depara com dificuldades, porque dentro de cada um desses pequenos escritos não há apenas julgamento contra o pecado, mas também promessas de uma restauração futura para o povo de Deus¹⁷¹. À primeira vista, de fato, os três elementos temáticos constituem parte integrante de todos os escritos proféticos, mas parece arbitrário, por exemplo, descrever o objetivo do conteúdo dos escritos de Joel sob o tema “demonstração do pecado”, porque o pecado vem implicitamente pressuposto, mas tematizado só em Jl 4,4-8. Uma outra dificuldade é que o autor deixou de lado alguns livros, por exemplo, o livro de Jonas. Também é questionável a aplicação de termos da narratologia a textos poéticos. Fica claro, então, que há um movimento contínuo entre as duas posições – pecado e salvação – em cada um

¹⁷⁰ Cf. CHILDS, *Introduction to the Old Testament as Scripture*, (Philadelphia: Fortress Press, 1979), 308-309, apud JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 30.

¹⁷¹ Para Scharf, a divisão proposta por House é totalmente global e peca pela falta de precisão. Conferir as observações críticas de SCHARF, A., “Redactional Modes: Comparisons, Contracts, Agreements, Disagreements”, in *Verkuendigung und Forschung* 43,2 (1998) 893-908, p. 898.

dos livros; e, freqüentemente, dentro de capítulos únicos, numa visão maior do que uma continuidade linear de Oséias a Malaquias¹⁷².

Apesar de o modelo de julgamento e esperança ser facilmente identificável dentro do *corpus* profético, podendo até ter sido um fator unificante, como Clements já havia argumentado, os textos são muito mais diversos e complexos do que House descreve¹⁷³. Assim, podemos concluir que este autor simplifica muito ao apresentar a sua temática, pois não discute a origem histórica dos simples escritos proféticos e da coleção dos Doze. Além disso, alguns livros são deixados de lado, como é o caso de Jonas. Também é questionável nele a aplicação de termos da narratologia a textos poéticos. Dessa forma, os vários pontos apresentados em seu trabalho não são suficientemente precisos para estabelecer as ligações que o autor pretende fazer.

Já o texto de Marks avalia o livro dos Doze numa perspectiva literária, sem diminuir a diversidade ou complexidade dos textos. Este autor descreve o livro dos Doze em relação à interação dos textos e das vozes. O texto refere-se a uma estrutura única, incluindo o livro dos Doze, as características unificantes que estudiosos como Schneider, Clements e House já haviam identificado. Porém, Marks dá atenção às diversas vozes dentro dos textos proféticos, tanto os elementos diversos quanto os individuais, que não foram ajustados nos esquemas anteriores. O autor ainda argumenta que, embora a forma canônica do livro esteja designada a consolidar o seu complexo conteúdo dentro de uma unidade literária, a sua discordância do livro não pode ser totalmente silenciada.

O grande marco na pesquisa da história da gênese do Livro dos Doze Profetas, desde Schneider, foi, sem dúvida, o estudo de Nogalski. O autor ampliou a pesquisa crítico-literária anterior com sua investigação fundamental do

¹⁷² Na opinião de Ben Zvi, o autor reconhece claramente essas conclusões marcadas de esperança em cada um desses textos, mas ele admite que elas somente abarcam um pequeno papel em suas análises, e ele está mais interessado na trama do livro dos Doze do que na trama dos livros individuais. Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophetic Books or ‘The Twelve’: A Few preliminary Considerations, p. 128.

¹⁷³ Jones sustenta que a visão de House é reducionista - o autor reduz ao extremo uma diversidade rica de conteúdos proféticos a um esquema muito simplista. Jones também comenta que a declaração de House sobre a pesquisa histórica (“historical research has not successfully uncovered the structure of the Twelve because that structure is governed by literary principles”. Cf. HOUSE, P., “The Unity of Twelve,” 67) mostra o quanto o autor ignorou os temas literários tratados por Schneider em sua dissertação, e que a sua tentativa inovadora de descrever o livro dos Doze em uma categoria formalista é definitivamente inferior ao tratamento de Schneider serve apenas para demonstrar as limitações de tal abordagem com relação aos Profetas Menores. Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 31.

fenômeno da ligação por meio das palavras-chave. Embora vários autores (Delitzsch, Cassuto, Schneider) já tivessem anteriormente demonstrado que as palavras-chave tinham a função de posicionar alguns escritos, Nogalski considerou este fenômeno em todos os escritos dos Doze¹⁷⁴. No entanto, este autor não chegou a elaborar uma visão de conjunto dessas relações, assim como não chegou a uma conclusão sobre o que esses dados representam para a leitura do profeta em particular e do conjunto dos Doze. Tal procedimento de Nogalski se preocupa pouco com a macroestrutura de cada texto do Livro dos Doze Profetas. Os acréscimos secundários apurados foram considerados de acordo com uma dupla perspectiva: por um lado, o autor considera se os acréscimos permitem reconhecer relações intencionais dos diferentes livros entre si; por outro, tenta assinalar os diferentes estratos de acréscimos redacionais que do mesmo modo são identificáveis também em outros lugares do Livro dos Doze Profetas¹⁷⁵.

Essa via de abordagem limitou a visão do autor. F. Delitzsch e U. Cassuto¹⁷⁶ já haviam apontado o fato de que as ligações através de palavras-chave para casos tais como, Jl 4,16 e Am 1,2; 9,12; Ab 19; Hab 2,20 e Sf 1,6 encontram-se também em outros lugares dentro dos escritos proféticos. Cassuto ainda aponta para esse fenômeno, não apenas nos livros proféticos, mas nos Cânticos dos Cânticos, assim como nos textos legais. Como, então, podemos sustentar as evidências para uma ligação redacional entre os escritos apontados por Nogalski e ignorar os termos e expressões que não se encontram próximos nos outros livros? Estas relações que não se encontram nos capítulos conclusivos ou iniciais desempenham somente um pequeno papel no trabalho de Nogalski. Mesmo se a posição do autor estiver correta, a de que Abdias tenha sido moldado redacionalmente sob influência de Amós 9, isso pode explicar, mas não requerer a relação de Amós e Abdias no TM

¹⁷⁴ Cf. NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve*, p. 13.

¹⁷⁵ Mesmo que Nogalski tente dar um tratamento equilibrado acerca da questão dos verbos paralelos entre os textos – se eram o resultado de uma inserção redacional, ou se as palavras-chave estavam já presentes nos textos, quando os vários livros foram unidos – o que foi a conclusão de Schneider –, as observações de Nogalski são, quase sem exceção, que as palavras-chave são o resultado de uma atividade redacional. Embora ele diferencie entre os textos que possuem evidência de status redacional, e os em que essa evidência é menos atestada, mesmo nos casos questionáveis faz a opção pela explicação da inserção redacional. Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, pp. 37-40.

¹⁷⁶ Cf. DELITZSCH, F., *Wann weissagte Obadja?*, 1851, 92 e CASSUTO, U., “The sequence and Arrangement of the Biblical Sections” *Biblical and Oriental Studies*, I, Jerusalém: Magnes Press, 1973, pp. 1-6.

dos Doze. Não deveria ser surpresa que um livro relativamente tardio como Abdias tenha sido influenciado pelo livro de Amós¹⁷⁷.

Além disso, a avaliação das palavras-chave no trabalho de Nogalski depende exclusivamente da seqüência do TM do livro dos Doze. Esta dependência limita o seu trabalho de dois modos: a seqüência dos primeiros livros não é a mesma nos arranjos da LXX e do TM, e o uso das palavras-chave exige que os livros sejam contíguos dentro do rolo dos Doze. Ou seja, a presença das palavras-chave no livro de Joel 1 com Oséias 14,8 pede que o livro de Joel siga o livro de Oséias, o que não ocorre no arranjo da LXX. Diante de uma das exceções encontrada entre Jonas e Miquéias (Jonas 4 não tem ligação com Miquéias 1,1s, mas Jn 3,2 sim), e como há relações entre Abdias e Miquéias, Nogalski conclui que Jonas foi inserido posteriormente. Entretanto, Nogalski ao tirar esta conclusão de que o livro de Jonas é o último escrito independente a entrar no Corpus dos Doze – conclusão esta já estabelecida por Budde - parece ter levado em consideração o fato de que o livro de Jonas posiciona-se diferentemente nos três manuscritos do livro dos Doze, e também na seqüência de 4QXII^a, em que este livro é o último do rolo. Além disso, Ben Zvi mostra (com exemplos) que, para a avaliação do fenômeno das palavras-chave não devem ser considerados os termos separadamente, mas os sintagmas em que ocorrem, o contexto, seu sentido concreto, sua perspectiva, etc.

A suposição de um “*Corpus Deuteronomístico*” abrangendo os materiais básicos de Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias é bastante convincente, embora

¹⁷⁷ Ben Zvi é mais claro em suas críticas: ele mostra que o texto de Abdias aponta para o oposto das conclusões de Nogalski sobre a ligação deste livro com Am 9,1-15. Na sua visão, as afirmações de Nogalski servem a duas funções: proporcionam um julgamento contra Edom, nos quais os paralelos em Amós e Abdias intensificam o julgamento contra Israel em Am 9,1-10; e introduzem o motivo de uma Jerusalém centrada, retomada da monarquia Davídica. Se o livro de Abdias, em consideração a este argumento, é lido ou foi lido pelo leitor previsto como uma parte integrada de um livro dos Doze unificado e como uma sessão intimamente unida a Amós, talvez a afirmação de Nogalski permaneça. Mas se Abdias é lido (ou foi lido) como um livro separado, então podemos notar que não há no mesmo referência para o julgamento contra a casa de Jacó/Israel, nem alguma referência para a monarquia Davídica. Ao contrário, Abdias menciona o julgamento contra Edom e as “nações”, excluindo claramente a casa de Israel – pois Israel não era como os cuchitas (cf. Am 9, 7), ou qualquer uma “das nações”, o que é um tema central em Abdias. Além disso, o reinado do Senhor é apresentado em Abdias de modo a provocar uma associação com o que foi compreendido ser “Israel” no tempo dos Juízes. Também a falta da menção da restauração da dinastia e a ênfase no reinado do Senhor claramente identificam Abdias com Sofonias e o processo redacional que forma o livro dos Salmos. E todos eles podem ser compreendidos como expressão de uma corrente teológica ou ideológica que se posiciona em tensão com o que está refletido em Am 9, 11. Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophetic Books or ‘The Twelve’”, p. 129.

certamente se possa discutir ainda sobre a designação “*deuteronomística*”. O argumento mais forte nessa conexão é o sistema de títulos (Os 1,1; Am 1,1; Mq 1,1; Sf 1,1), assim como a consideração da grande significação que Joel tem para o Livro dos Doze Profetas¹⁷⁸. Para Nogalski, o estrato relativo a Joel foi de significado decisivo para a forma final do Livro dos Doze Profetas¹⁷⁹.

Isto ocorre também em Zc 14,1, que difere de Malaquias; mas há relações entre Zc 8,9-13 e Ml 1,1-5, o que leva a considerar-se Zc 9-14 como acréscimo posterior. Dado que o fenômeno das palavras-chave no livro dos Doze não pode ser considerado acidental, poder-se-ia pensar que tais escritos não foram reunidos quando o livro já se encontrava em sua forma final. Porém, não se pode garantir que todas as conexões sejam redacionais, pois tais palavras-chave já poderiam ter vindo nos escritos, antes da intervenção redacional. Mesmo que alguns dos exemplos de Nogalski sejam convincentes, muitas das palavras estudadas também ocorrem freqüentemente na Bíblia Hebraica, daí a fragilidade do argumento de que a presença delas dentro da união do livro dos Doze seja o resultado de uma redação intencional. Por exemplo, “habitante”, uma das palavras citadas por Nogalski em Os 14,8 e Jl 1,2 como palavra-chave redacional, apresenta-se mais de duzentas vezes na Bíblia Hebraica. Ele inclui ainda outras palavras comuns, tais como: mar, rio, montanhas, terra, dia, etc., que ocorrem pelo menos centenas ou milhares de vezes na Bíblia Hebraica¹⁸⁰. Assim sendo, cada conexão deve ser examinada independentemente, para verificar se iluminam ou não a questão da unidade do livro dos Doze. Não se pode fazer generalizações facilmente, pois não

¹⁷⁸ Também Jones enfatiza que a explicação mais importante acerca da expansão da coleção dos Profetas Menores, feita por Nogalski, foi a inserção do livro de Joel na coleção. Para este autor, a análise exaustiva de Nogalski e a sua sensibilidade para os temas teológicos e literários são exemplares. Talvez o papel mais louvável do trabalho de Nogalski seja a clareza e a consistência de sua metodologia. “He elucidates a self-conscious and balanced methodological approach to the problem of the formation of the Book of the Twelve and follows this methodology throughout the course of his treatment”. Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 36.

¹⁷⁹ No entanto, Scharf considera que Nogalski assinalou a esse estrato mais trabalho redacional do que de fato houve. Cf. SCHARF, A., resenha crítica das obras de NOGALSKI, J., *Literary Precursors to the Book of the Twelve*. Berlin – New York: Walter de Gruyter 1993. BZAW 217. *Redactional Processes in the Book of the Twelve* Berlin – New York: Walter de Gruyter, 1993. BZAW 218. [In: <http://www.uni-essen.de/Ev-Theologie/twelve/steck.htm>]

¹⁸⁰ Ben Zvi é da mesma opinião e acrescenta que se pode encontrar prováveis alusões, textos paralelos e similaridades temáticas não só entre os Doze livros Proféticos incluídos no livro dos Doze, mas também nos outros três livros Proféticos, que não estão incluídos no livro dos Doze, a saber, Isaías, Jeremias e Ezequiel. Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophetic Books or ‘The Twelve’”, p. 136.

se pode garantir que uma técnica de conexão fosse sempre e uniformemente utilizada.

O trabalho de Schart se destaca pela sua metodologia exegética crítico-literária. De fato, os estudiosos têm, até recentemente, dado pouca atenção às possibilidades interpretativas que sustentem uma análise dos Doze como um todo e o lugar e a função destes livros proféticos em um contexto maior. No entanto, surge uma questão: o autor não dá uma adequada atenção para a forma final dos livros proféticos que formam a coleção dos Doze escritos. De fato, tanto o TM quanto a versão LXX devem ser considerados. As diferentes ordens dos livros e a falta de um consenso a respeito da prioridade histórica e da visão hermenêutica das outras formas sugerem que os livros eram individuais e entraram na coleção dos Doze escritos como entidades coerentes separadas. Além disso, a análise de Schart tende a isolar as unidades textuais individuais em seus respectivos livros para depois relacioná-las às outras unidades dos outros livros constituídos no Corpus profético sem uma consideração completa de seu caráter formal e literário. O autor organiza os textos então, com base no seu conteúdo. Tal procedimento limita as considerações a respeito de como estes textos formaram e influenciaram a interpretação em um texto ou contexto mais amplo. Schart dá a devida atenção ao contexto literário dos Doze Profetas, pelo menos em seus estágios redacionais, mas ele frequentemente dá uma atenção inadequada para a forma literária e contexto dos livros proféticos individuais. Palavras individuais são facilmente separadas de seu contexto literário sem uma completa consideração do papel que representam dentro deste contexto.

Na visão de Scaiola¹⁸¹, o estudo nos escritos de Joel, Amós e Abdias trouxe muitos dados interessantes de resposta à questão do “Dia de YHWH”. Os estudos das inter-relações altamente complexas destes livros demonstram conter ainda muitos outros elementos comuns. Em particular, Rendtorff estudou o tema “o dia do Senhor” como fato complexo de arrependimento e salvação. O contributo específico do artigo deste autor – o reconhecimento, não tanto através da temática do “Dia de YHWH” por ele individualizada, mas através da função atribuída aos títulos, aos quais até agora não tinha sido dado relevância (não obstante alguma menção). Além disso, o autor reforça a necessidade de sair pela alternativa

¹⁸¹ Cf. SCAIOLA, D., “Il Libro dei Dodici Profeti Minori nell’esegesi contemporanea”, p. 331.

metodológica entre leitura diacrônica ou sincrônica que, sobretudo no caso dos Doze, parece rígida demais. O tema “Dia de YHWH” não é desenvolvido de modo homogêneo no livro dos Doze, mas o conjunto quer levar o leitor à reflexão sobre as diferentes mensagens.

Não se pode, porém, a partir destes dados, dizer algo mais exato sobre a questão da unidade dos Doze. Tais ocorrências podem presumir, mas não declaram ou assumem explicitamente que os livros dos Profetas Menores foram vistos como uma única entidade literária. Estes estudos estão baseados sobre a pressuposição de que o TM constitui a base para avaliar a forma final dos Doze. De fato, coexistem igualmente a ordem dos LXX (e mesmo) aquela sugerida pelo manuscrito de Qumran (4QXII^a).

Muitos autores têm trabalhado sobre a unidade dos Doze avaliando temas e tramas. Entretanto, apesar dos progressos notáveis, a crítica dos últimos anos ainda não chegou a um consenso acerca de tais questões. O estudo sobre a história da unidade dos Doze demonstra um alto grau de discordância, tanto a respeito da compilação originária quanto ao tipo da atividade literária do mesmo Corpus. Os autores que insistiram sobre as palavras-chave foram censurados, notadamente por Jones, pelo fato de não terem considerado a tradução LXX¹⁸². Esta crítica constitui um convite a mais rigor e clarividência nas análises.

Ben Zvi representa na exegese moderna a tendência minoritária, que é reticente quanto ao reconhecimento da unidade dos Profetas Menores. O autor tem negado veemente que o livro dos Doze tenha sido originalmente visto como uma unidade. Ele concebe estes livros como uma coleção de escritos, os quais alguns têm, de fato, temáticas sobrepostas ou mesmo aludem uns aos outros, mas que estes não possuem um sentido redacional como um todo. O autor aponta a variedade de formas que compõem estes doze pequenos escritos, assim como a ausência de uma subscrição para eles que indique tal unidade. Esta é, na sua opinião, a maior evidência de que os livros não formam uma unidade.

¹⁸² Cf. JONES, B. A., *The Formation of the Book of the Twelve*, 36s. 206. Para encorajar o uso da LXX, ele coloca um exemplo típico: a afirmação comum de uma transição garantida por Am 9,12 (p. 175-190); no TM se justifica talvez o lugar de Abdias após Amós, pela alusão na conclusão de Am 9,12 à futura ocupação da terra de Edom por Judá, que é a questão de Ab 19,21. Ora esta ligação entre os dois livros não existe na LXX, porque a referência à Edom está ausente no texto Grego de Amós que lê: “o resto dos homens”, no lugar do TM que diz: “o resto de Edom”.

Ben Zvi ainda questiona se é apropriado falar do livro como uma composição intencional ou como uma coleção de escritos proféticos que se cristalizaram em suas diversas formas. O autor pensa numa coleção de livros independentes, que teve seu processo de leitura e releitura dentro das comunidades pelas quais e para as quais o livro foi composto. Pode-se observar a variedade das tendências literárias e teológicas encontradas no interior dos Doze. Assim, na sua opinião, há poucas evidências que demonstrem que o livro dos Doze foi composto como tal por escritores ou redatores¹⁸³. O leitor pode até dar conotações do livro como um todo, mas não está claro que esta era a conotação que os redatores finais tinham em mente quando liam e re-liam os livros. Para o autor, eles queriam preservar os escritos individualmente.

Um fator decisivo para Ben Zvi é a questão: como a comunidade-alvo visada poderia ter lido todo o conteúdo dos escritos dos Doze Profetas? O autor concorda que os marcadores textuais internos dirigiram e dirigem os leitores do contexto imediato de cada pensamento unitário a um contexto mais amplo dos livros individuais, mas não mais do que isso. Este autor privilegia o papel do leitor dos escritos dos Doze sobre aquele do autor¹⁸⁴.

Apesar da unidade deste Corpus obter cada vez mais o sufrágio e o sustento dos críticos, em princípio, a nossa posição para a questão de um único livro é a mesma de Ben Zvi ou pode ser parafraseada como segue: “one long, self-contained scroll, yes; one grand, unified, literary Corpus, no”¹⁸⁵. A princípio, assumimos que ao chegar ao final de cada um dos livros da coleção atinge-se uma conclusão. Mesmo em uma observação superficial dos livros dos Doze Profetas,

¹⁸³ Para Sweeney, “Ben Zvi is certainly correct to emphasize the role of the ancient readers or implied audience in the interpretation of the so-called Book of the Twelve, but his proposal raises a methodological question that requires further examination, that is, the extent to which one can distinguish between the writer / redactor/ producer and the reader / recipient in such a scenario. The anonymous readers act as recipients of the text and interpret it accordingly, but in the act of interpreting the texts of the Twelve Prophets and defining their places within the larger Book of the Twelve, these readers become authors and redactors as well. This is implied in Ben Zvi’s designation of these readers as ‘writers’, but in his reluctance to ascribe to them any demonstrable role in the composition of the individual prophetic books that comprise the ‘Book of the Twelve’ he provides little guidance as to their ‘authorial’ or ‘productive’ activities or to their interpretation of the Twelve Prophets”. Cf. SWEENEY, M. A., “Sequence and Interpretation in the Book of the Twelve”, pp. 50-51, in NOGALSKI, J. D. & SWEENEY, M.A., *Reading and Hearing the Book of the Twelve*.

¹⁸⁴ Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophetic Books or ‘The Twelve’: A Few Preliminary Considerations”. In: HOUSE, P. R. & WATTS, J. W. (eds): *Forming Prophetic Literature: Essays on Isaiah and the Twelve in Honour of John D. W. Watts*.

¹⁸⁵ Cf. BEN ZVI, E., “Twelve Prophets”, p. 130.

cada um deles possui – excetuando-se o livro de Jonas – um título próprio que pode ser mais ou menos comparado com o livro de Isaías ou de Jeremias, fato ao qual enfaticamente aludiu Ben Zvi.